



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS:
LÍNGUA PORTUGUESA E LÍNGUA FRANCESA**

NATIELLY ROSA DA SILVA

***ANÁLISE DE EU, TITUBA, FEITICEIRA... NEGRA DE
SALEM, DE MARYSE CONDÉ À LUZ DA ANALÍTICA DA
TRADUÇÃO DE ANTOINE BERMAN***

CAMPINA GRANDE - PB

2018

NATIELLY ROSA DA SILVA

**ANÁLISE DE EU, TITUBA, FEITICEIRA... NEGRA DE
SALEM, DE MARYSE CONDÉ À LUZ DA ANALÍTICA DA
TRADUÇÃO DE ANTOINE BERMAN**

**Monografia apresentada ao Curso de
Licenciatura em Letras - Língua
Portuguesa e Língua Francesa do Centro
de Humanidades da Universidade
Federal de Campina Grande, como
requisito parcial para obtenção do título
de Licenciada em Letras – Língua
Portuguesa e Língua Francesa.**

**Orientadora: Professora Dra. Carmen Verônica de Almeida Ribeiro
Nóbrega.**

CAMPINA GRANDE - PB

2018

S586a Silva, Natielly Rosa da.
Análise de *Eu, Tituba, feiticeira... negra de Salem*, de Maryse Condé à luz da analítica da tradução de Antonie Berman / Natielly Rosa da Silva. – Campina Grande, 2018.
63 f. : il. color.

Monografia (Graduação em Letras) – Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades, 2018.

"Orientação: Prof.^a Dr.^a Carmen Verônica de Almeida Ribeiro Nóbrega".

Referências.

1. Tradutologia. 2. Berman. 3. Analítica da tradução. 4. Tendências deformadoras. 5. Maryse Condé. 6. Tituba. I. Nóbrega, Carmen Verônica de Almeida Ribeiro. II. Título.

CDU 81'22(043)

NATIELLY ROSA DA SILVA

ANÁLISE DE *EU, TITUBA, FEITICEIRA... NEGRA DE SALEM*, DE MARYSE CONDÉ À LUZ DA ANALÍTICA DA TRADUÇÃO DE ANTOINE BERMAN

Monografia de conclusão de curso apresentada ao curso de Letras – Língua Portuguesa e Língua Francesa, da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial à conclusão de curso.

Aprovada em: ____ de _____ de _____.

Banca Examinadora:

Prof^a. Dr^a. Carmen Verônica de Almeida Ribeiro Nóbrega – Orientadora (UFCG)

Prof^a. Dr^a. Sinara de Oliveira Branco – Examinadora (UFCG)

CAMPINA GRANDE - PB

2018

A todos que lutaram para que eu pudesse chegar até aqui.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Catarina Teófilo e Débora Miranda e Jéssica Medeiros, minhas melhores amigas, por todo o apoio que me deram até aqui.

Agradeço a Paulo de Tasso, que sempre me ajudou de todas as formas possíveis e se sacrificou tanto por mim.

Às famílias de Zélia Delmiro e Hernandes Mizael, pela generosidade e hospitalidade.

Aos colegas do PET-Letras/UFCG e nossa tutora, Josilene Pinheiro-Mariz, por todos os conselhos.

A todos aqueles que foram meus professores.

Às professoras Laura Régis, Rebecca Espínola e Renally Silva, pelas orientações e os ensinamentos durante as disciplinas de estágio.

Aos professores Aloísio Dantas e Herbertt Neves, pelos conhecimentos que adquiri enquanto fui aluna e monitora.

Aos funcionários da UAL, por toda a dedicação.

Ao professor Lino Dias, por ter despertado em mim o amor pela língua francesa, quando foi meu professor, e pelo ensino, quando me orientou no PROBEX.

Ao professor Nyeberth, por ter sido tão compreensivo.

À Mathilde Lendresse, por toda a ajuda e pelos ensinamentos.

À professora Maria Angélica, por toda a ajuda e por acreditar que seria possível.

Agradeço à professora Carmen Nóbrega, por todas as orientações e por ter acreditado que eu conseguiria.

Agradeço à professora Sinara Branco, por ter aceitado compor a minha banca e pelas contribuições para a versão final do texto.

*“Qui sème le vent récolte la tempête, qui diffuse la
traduction cueille la paix”*

(GUIDÈRE, 2016).

RESUMO

Este trabalho apresenta a análise da tradução do romance *Moi, Tituba sorcière... Noire de Salem* (1986), de Maryse Condé com vistas a responder ao seguinte questionamento: como as tendências deformadoras elencadas por Antoine Berman se manifestam na tradução de Angela Melim para o romance supracitado? Para isso, nos baseamos nas reflexões de Berman (2013) acerca da analítica da tradução e da sistemática da deformação. Nossa pesquisa se caracteriza como descritiva-explicativa (OLIVEIRA (2008), analítica (PRODANOV; FREITAS, 2013); quanti-qualitativa (PRODANOV; FREITAS, 2013; TOZONI-REIS, 2010) e documental (SÁ-SILVA; ALMEIDA; GUINDANI, 2009) e, para respondermos ao questionamento do qual ela se origina, elencamos o seguinte objetivo: analisar a tradução em língua portuguesa do romance *Moi, Tituba sorcière... Noire de Salem* (1986), de Maryse Condé, traduzido por Angela Melim sob o título de *Eu, Tituba, feiticeira... negra de Salem* (1997), a fim de verificar a manifestação das tendências deformadoras discutidas por Berman (2013). Para chegarmos ao nosso objetivo principal, os seguintes objetivos específicos foram traçados: identificar as tendências deformadoras de maior recorrência na tradução supracitada e analisar os casos de deformações encontrados à luz da Analítica da Tradução de Antoine Berman. A justificativa principal do nosso trabalho é a necessidade de se fornecer embasamento analítico-científico que fundamente ou invalide críticas feitas acerca da tradução analisada. Em ocasião da análise, limitamo-nos aos dois primeiros capítulos da tradução de Melim e do original de Condé, devido à extensão da obra. Da mesma forma, julgamos mais produtivo o estudo de apenas cinco tendências dentre as treze elencadas por Berman, apesar da ocorrência de diversas outras. Serão analisadas: racionalização, clarificação, destruição dos ritmos, empobrecimento qualitativo e empobrecimento quantitativo. Além de comprovarmos a abundância das deformações em *Eu, Tituba, feiticeira... negra de Salem*, nossa pesquisa verificou a ocorrência de um fenômeno não observado por Berman, o “enriquecimento quantitativo”, o qual denominamos dessa maneira por se tratar de um oposto exato do “empobrecimento quantitativo” estudado pelo autor. Por fim, esperamos que esta pesquisa suscite outros trabalhos acerca das traduções dos romances de Maryse Condé, bem como a elaboração de novas traduções e reedições desses, uma vez que eles são de difícil acesso.

Palavras-chave: Tradutologia. Berman. Analítica da tradução. Tendências deformadoras. Maryse Condé. Tituba.

RÉSUMÉ

Ce travail présente l'analyse de la traduction du roman *Moi, Tituba sorcière... Noire de Salem* (1986) de Maryse Condé, avec pour objectif de répondre à la problématique suivante: comment les tendances déformantes décrites par Antoine Berman se manifestent-elles dans la traduction mentionnée ci-dessus? Pour cela, nous nous basons sur les réflexions de Berman (2013) à propos de l'analytique de la traduction et de la systématique de la déformation. Notre recherche se caractérise comme descriptive-explicative (OLIVEIRA (2008), analytique (PRODANOV; FREITAS, 2013), quantitative et qualitative (PRODANOV; FREITAS, 2013; TOZONI-REIS, 2010) et documentaire (SÁ-SILVA; ALMEIDA; GUINDANI, 2009). Pour répondre à la problématique qui est à l'origine des recherches, nous avons comme objectif principal d'analyser la traduction en langue portugaise du roman *Moi, Tituba sorcière... Noire de Salem* (1986), de Maryse Condé, traduit par Angela Melim sous le titre « *Eu, Tituba, feiticeira... negra de Salem* » (1997), afin de vérifier la manifestation des tendances déformées discutées par Berman (2013). Pour arriver à notre but principal, les objectifs spécifiques suivants ont été choisis: identifier les tendances déformées qui ont le plus de récurrence dans la traduction susmentionnée et analyser les cas de déformations trouvés sous l'optique de l'Analytique de la traduction d'Antoine Berman. La principale raison de notre travail est la nécessité d'apporter une base analytique-scientifique qui puisse justifier ou annuler les critiques faites sur la traduction analysée. Dans notre analyse, nous nous sommes limitées aux deux premiers chapitres de la traduction de Melim et de l'originel de Condé, en raison de l'extension de l'œuvre. De la même façon, nous avons jugé plus fructueux l'étude de seulement cinq des tendances listées par Berman, même s'il y en a d'autres dans le texte. Nous analyserons la rationalisation, la clarification, la destruction des rythmes, l'appauvrissement qualitatif et l'appauvrissement quantitatif. En plus de prouver l'abondance des déformations dans la traduction « *Eu, Tituba, feiticeira... negra de Salem* », notre recherche a vérifié l'apparition d'un phénomène que Berman n'a pas observé dans ses discussions, l'« enrichissement quantitatif », que nous avons intitulé comme cela parce qu'il est l'opposé exact de l'« appauvrissement quantitatif » étudié par cet auteur. Finalement, nous espérons que ce travail suscite d'autres recherches à propos des traductions des romans de Maryse Condé, ainsi que l'élaboration de nouvelles traductions et rééditions de ces livres qui sont déjà traduits, puisqu'ils sont encore rares aujourd'hui.

Mots-clés: Traductologie. Berman. Analytique de la traduction. Tendances déformantes. Maryse Condé. Tituba.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Racionalização por reordenação das frases.....	38
Tabela 2: Racionalização por recomposição das frases	39
Tabela 3: Racionalização através da alteração da pontuação	40
Tabela 4: Reordenação das frases e mudança de ênfase	41
Tabela 5: Recomposição das frases e mudança de sentido	42
Tabela 6: Destruição dos ritmos no interior das orações	43
Tabela 7: Modificações na pontuação do final das orações	45
Tabela 8: Clarificação por paráfrase	46
Tabela 9: Clarificação por explicação	47
Tabela 10: Clarificação e destruição da polissemia do texto	48
Tabela 11: Empobrecimento quantitativo	50
Tabela 12: “Enriquecimento” quantitativo na tradução de <i>case</i>	51
Tabela 13: “Enriquecimento” quantitativo na tradução de <i>mornes</i>	51
Tabela 14: “Enriquecimento” quantitativo na tradução de <i>carreau de terre</i>	52
Tabela 15: Empobrecimento qualitativo: perda da riqueza icônica	53
Tabela 16: Empobrecimento qualitativo: perda da riqueza sonora	54

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS	12
1 - MARYSE CONDÉ E TITUBA	15
1.1 - MARYSE CONDÉ	15
1.2 - <i>MOI, TITUBA SORCIÈRE... NOIRE DE SALEM</i>	17
2 - PANORAMA GERAL DOS ESTUDOS DA TRADUÇÃO	20
2.1 - TRADUTOLOGIA ENQUANTO DISCIPLINA	20
2.2 - HISTÓRIA DA TRADUÇÃO	22
2.2.1 - PERIODIZAÇÃO NA HISTÓRIA DA TRADUÇÃO	22
2.3 - A TRADUÇÃO LITERÁRIA NO BRASIL	24
3 - PROCEDIMENTOS TEÓRICOS	27
3.1 - ANTOINE BERMAN E A ANALÍTICA DA TRADUÇÃO	27
3.2 - ANALÍTICA DA TRADUÇÃO	28
3.3 - TENDÊNCIAS DEFORMADORAS	31
4 - PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	34
4.1 - TIPO DE PESQUISA	34
4.2 - TRATAMENTO DOS DADOS	35
5 - DEFORMAÇÕES NA TRADUÇÃO <i>EU, TITUBA, FEITICEIRA... NEGRA DE SALEM</i>	37
5.1 - RACIONALIZAÇÃO	38
5.2 - DESTRUIÇÃO DOS RITMOS	43
5.3 - CLARIFICAÇÃO	46
5.4 - EMPOBRECIMENTO QUANTITATIVO	49
5.5 - EMPOBRECIMENTO QUALITATIVO	52
CONSIDERAÇÕES FINAIS	55
REFERÊNCIAS	57
APÊNDICE 1	59

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Durante escavações realizadas no Egito em 1799, arqueólogos encontraram um fragmento de basalto com inscrições que datam do século II a.C. O documento foi nomeado Pedra de Rosetta, devido à região onde foi encontrado, e nele “vê-se um mesmo texto grafado em três maneiras diferentes: em hieróglifos da escrita sagrada do antigo Egito, em caracteres da língua escrita popular egípcia da época, e em caracteres gregos” (CAMPOS, 2004, p. 16).

No entanto, apesar de a Pedra de Rosetta ser considerada o mais famoso registro da atividade tradutória, a tradução já era praticada em épocas ainda mais remotas. De acordo com o mito bíblico da Torre de Babel, descrito no *Antigo Testamento*, todos os homens falavam uma só língua, até que decidiram construir uma torre tão alta que alcançasse o céu. Então, insatisfeito com a pretensão e soberba dos homens, Deus fez com as línguas se confundissem, atrapalhando a comunicação e impedindo o projeto. Desta forma, foram criados os vários idiomas que hoje existem e a prática da tradução surgiu para possibilitar a comunicação entre os povos.

Atualmente, a palavra *tradução* costuma ser definida nos dicionários como “ato ou efeito de traduzir” e o verbo *traduzir*, que vem do latim *traducere*, como “conduzir ou fazer passar de um lado para o outro”, algo como ‘atravessar’” (CAMPOS, 2004, p. 7). Assim, considera-se que traduzir implica não somente a passagem de um texto de uma língua para outra, mas este ato pode se realizar dentro da própria língua, no momento em que, por exemplo, reformulamos a nossa fala para sermos entendidos pelo nosso interlocutor. Segundo Batalha e Pontes Júnior (2007), Wanderley (1999) afirma que “ler é traduzir para dentro. Escrever é traduzir para fora” (p. 9).

Octavio Paz, em *Tradução: literatura e literalidade*, por sua vez, afirma que nós vivenciamos a experiência da tradução desde o momento em que começamos a nos comunicar. Nas palavras do autor:

Aprender a falar é aprender a traduzir: quando a criança pergunta a sua mãe o significado desta ou daquela palavra, o que ela realmente quer é que traduza para sua linguagem o termo desconhecido. A tradução dentro de uma língua não é, nesse sentido, essencialmente distinta da tradução entre duas línguas, e a história de todos os povos repete a experiência infantil (PAZ, 2009, p. 9).

Praticada de forma oral nas suas origens, a tradução sempre existiu e fez parte da vida intelectual de todas as sociedades civilizadas. Na nossa sociedade, ela está inserida em diversos

setores e contribui para o respeito da diversidade linguística e cultural dos povos. Assim, se um dia a tradução foi uma atividade marginalizada, hoje sua importância não precisa mais ser atestada (GUIDÈRE, 2010).

Diante do exposto e baseados nas reflexões de Berman acerca da analítica da tradução e da sistemática da deformação, a presente pesquisa visa responder ao seguinte questionamento: como as tendências deformadoras elencadas por Antoine Berman se manifestam na tradução de Angela Melim do romance *Moi, Tituba sorcière... Noire de Salem* (1986), de Maryse Condé?

Com vistas a responder ao questionamento proposto, elencamos como objetivo geral: analisar a tradução em língua portuguesa do romance *Moi, Tituba sorcière... Noire de Salem* (1986), de Maryse Condé, traduzido por Angela Melim sob o título de *Eu, Tituba, feiticeira... negra de Salem* (1997), a fim de verificar a manifestação das tendências deformadoras discutidas por Berman (2013). Para alcançar nosso objetivo geral, temos como objetivos específicos: identificar as tendências deformadoras de maior recorrência na tradução supracitada e analisar os casos de deformações encontrados à luz da Analítica da Tradução de Antoine Berman.

Nosso trabalho é justificado pela necessidade de se fornecer embasamento analítico-científico que fundamente ou invalide críticas feitas ao trabalho tradutório realizado por Angela Melim. Além disso, consideramos a importância da valorização dos estudos acerca da literatura francófona produzida fora do hexágono, principalmente no caso dos romances de escritoras negras.

Do ponto de vista de seus objetivos, o presente trabalho se caracterizará como descritivo-explicativo (OLIVEIRA (2008) e analítico (PRODANOV; FREITAS, 2013); quanto à forma de abordagem do objeto analisado, nossa pesquisa se configura como quanti-qualitativa (PRODANOV; FREITAS, 2013; TOZONI-REIS, 2010); e, no que se refere aos seus procedimentos técnicos, “ou seja, a maneira pela qual obtemos os dados necessários para a elaboração da pesquisa” (PRODANOV; FREITAS, 2013, p. 54), esta se classifica ainda como documental (SÁ-SILVA; ALMEIDA; GUINDANI, 2009). Em ocasião do quarto capítulo, referente aos procedimentos metodológicos, nos dedicaremos ao detalhamento da forma como a pesquisa foi realizada e como os dados foram tratados.

Entendemos que, para se compreender a lógica do texto traduzido, é necessário nos remetermos ao trabalho de tradução e, como consequência, ao tradutor (BERMAN, 1995). No

entanto, não foi possível encontrar informações a respeito de Angela Melim, tradutora do romance em questão. Desta forma, o presente estudo limita-se a analisar a tradução supracitada, não pretendendo, assim, tecer julgamentos acerca do profissional que realizou o trabalho tradutório.

Buscando atingir nossos objetivos, organizamos o trabalho da seguinte forma: o primeiro capítulo é dedicado à construção de uma breve biobibliografia da renomada escritora antilhana Maryse Condé, autora do livro que constitui o corpus da presente pesquisa; o segundo capítulo é dedicado à Tradutologia e à História da tradução, ramo desta disciplina; no terceiro capítulo, discorreremos acerca do *Albergue do Longínquo* de Antoine Berman e de sua analítica da tradução, bem como sobre a sistemática da deformação e as tendências deformadoras conceituadas por este autor; o quarto capítulo trata das questões metodológicas e o quinto traz as análises construídas durante a nossa pesquisa. Além da presente introdução e dos cinco capítulos citados, há ainda as seções reservadas às considerações iniciais, às referências e ao apêndice.

1 MARYSE CONDÉ E TITUBA

Neste capítulo, apresentaremos o romance *Moi, Tituba sorcière... Noire de Salem*, de Maryse Condé, e a tradução deste, construída por Angela Melim e publicado pela editora Rocco em 1997. Além de contextualizar, resumir e descrever a obra de Condé, discorreremos acerca da biografia e bibliografia desta renomada autora, fazendo um pequeno levantamento das traduções de suas obras no Brasil e da produção acadêmica realizada a partir de seus livros.

Quanto à tradutora do texto em análise, Angela Melim, não foi possível encontrar informações acerca desta, por isso, não poderemos tecer comentários acerca do seu perfil tradutório e sua formação como tradutora ou citar outras traduções realizadas por ela.

1.1 MARYSE CONDÉ

Maryse Condé nasceu no dia 11 de fevereiro de 1937, na cidade de Point-à-Pitre, capital de Guadalupe. Aos 17 anos, Condé se mudou para Paris para concluir os seus estudos. cursou Letras Clássicas na Sorbonne e, no ano de 1975, concluiu seu doutorado em literatura comparada nessa mesma instituição. Após atuar em diversas universidades na França e nos Estados Unidos, atualmente, Maryse Condé é professora emérita na Universidade de Columbia, em Nova York.

Condé, que desde criança sonhava em ser escritora, teve seu primeiro romance publicado apenas em 1976, sob o título de *Heremakhonon*, o qual foi modificado, em nova edição, para *En attendant le bonheur*¹. Em 1981, seu segundo livro, *Une saison à Rihata*², é publicado pela editora parisiense Robert Laffont. Nos anos de 1984 e 1985, a autora lança um romance em dois volumes de *Ségou: les murailles de terre*³ e *Ségou: la terre en miettes*⁴, obra muito apreciada pela crítica. Em 1986, seu quinto romance, *Moi, Tituba sorcière... Noire de*

¹ Título não traduzido no Brasil. “*Esperando a felicidade*” (tradução nossa).

² Título não traduzido no Brasil. “*Uma temporada em Rihata*” (tradução nossa).

³ Título não traduzido no Brasil. “*Segu: as muralhas da terra*” (tradução nossa).

⁴ Título não traduzido no Brasil. “*Segu: a terra em migalhas*” (tradução nossa).

Salem é lançado na França pela editora Gallimard. Desde então, Condé já publicou dezenas de romances, peças de teatro, livros de contos, novelas e ensaios, além de ter organizado diversas antologias.

Dentre as diversas obras publicadas pela autora, merecem destaque: *La Vie Scélérate*⁵, romance publicado em 1987, premiado pela Academia Francesa em 1988; *Le cœur à rire et à pleurer*⁶, publicado em 1999, prestigiado com o prêmio Marguerite-Yourcenar no ano de sua publicação; e *Moi, Tituba sorcière... Noire de Salem*, publicado em 1986 e vencedor do prêmio Alain-Boucheron em 1987.

No ano de 2018, Maryse Condé recebeu o prêmio mais importante da sua carreira como escritora: o Nobel de literatura alternativo, premiação criada para substituir o tradicional prêmio Nobel de literatura⁷. Esta honraria foi concedida à Condé como reconhecimento do seu trabalho enquanto escritora e da importância das temáticas abordadas em seus livros.

Apesar de amplamente reconhecida e premiada em todo o mundo, no Brasil, as traduções da autora são escassas. Apenas dois romances de sua vasta bibliografia possuem tradução para a língua portuguesa, são eles: *Moi, Tituba sorcière... Noire de Salem*, traduzido em 1997 por Angela Melim sob o título de *Eu, Tituba, feiticeira... negra de Salem*; e *La migration des cœurs* (1995), traduzido por Júlio Bandeira, sob o título *Corações Migrantes*, em 2002. Ambas as traduções foram publicadas pela editora Rocco e não foram reeditadas até então.

Dentre as línguas para as quais o romance *Moi, Tituba sorcière... Noire de Salem* foi traduzido, além da língua portuguesa, podemos citar: o alemão, com o título *Ich, Tituba, die schwarze Hexe von Salem*; o inglês, sob o título *I, Tituba, black witch of Salem*; o espanhol, em que intitulou-se *Yo, Tituba, la bruja negra de Salem*; e o italiano, com o título *Io, Tituba strega nera di Salem*. Em nossa pesquisa, entretanto, não foi possível precisar o ano de publicação e o autor das traduções nas línguas citadas. Também não conseguimos recolher informações acerca da tradutora do romance para a língua portuguesa, Angela Melim.

⁵ Título não traduzido no Brasil. “*A vida criminoso*” (tradução nossa).

⁶ Título não traduzido no Brasil. “*O coração rindo e chorando*” (tradução nossa).

⁷ No ano de 2018, o prêmio Nobel de literatura foi cancelado devido ao escândalo das denúncias de corrupção e agressão sexual que causou a renúncia de diversos membros da Academia Sueca, que é responsável pelo Nobel. Com o desfalque causado pela saída dos membros, este ano não foi possível a realização da premiação.

Por se tratar de uma tradução que foi editada apenas uma vez, *Eu, Tituba, feiticeira... negra de Salem* é um livro raro e que, por esta razão, alcançou um alto custo no mercado. Apesar disso, tanto este romance quanto outros dessa mesma autora ainda não traduzidos para o português são amplamente estudados e fornecem corpus para a produção de diversos trabalhos científicos. Essa quantidade de estudos sobre a autora deve-se, em parte, ao fato de que suas obras promovem importantes discussões acerca da colonização, sobretudo da colonização inglesa e francesa nas ilhas do Caribe, da escravidão e do feminismo, através de narrativas cativantes com linguagem direta.

Dentre os trabalhos acadêmicos, redigidos em língua portuguesa, realizados a partir das obras de Condé, podemos citar artigos, dissertações, teses e capítulos de livros (C.f. Apêndice 1). A partir do nosso levantamento, feito através de pesquisa no site de buscas www.scholar.google.com, pudemos constatar que a grande maioria desses trabalhos têm como corpus de análise o romance *Moi, Tituba sorcière... Noire de Salem*.

Além disso, foi possível verificar que esses trabalhos foram realizados não apenas utilizando o livro original e/ou a sua tradução em língua portuguesa, mas alguns destes foram produzidos a partir da versão inglesa da obra. Nossa hipótese é a de que a utilização da tradução em língua inglesa, em detrimento da tradução em língua portuguesa, deve-se, em parte, à dificuldade de se encontrar *Eu, Tituba, feiticeira... negra de Salem* em livrarias. Publicado apenas uma vez em língua portuguesa, no ano de 1997, atualmente, só é possível adquirir o romance traduzido para o português em sebos online, diferentemente da tradução em língua inglesa, que foi publicado e reeditado por diversas vezes.

Diante da extensão de estudos literários e culturais realizados acerca da autora e de suas obras, e verificada a escassez de estudos sobre as traduções destas, podemos reafirmar a necessidade de uma análise crítica desses trabalhos tradutórios, como a proposta nessa pesquisa, a fim de fornecer embasamento analítico-científico que contribua para uma melhor recepção do texto traduzido e fundamente críticas a respeito desse.

1.2 MOI, TITUBA SORCIÈRE... NOIRE DE SALEM

O romance *Moi, Tituba sorcière... Noire de Salem* retrata a sociedade barbadense e a africana do século XVII após a chegada dos colonizadores ingleses e franceses nas ilhas caribenhas e a exportação de negros africanos para o trabalho escravo. Considerado um romance histórico, a narrativa conta a história de Tituba a partir de sua própria perspectiva, em meio a reflexões da personagem acerca dos fatos que já haviam acontecido no momento em que ela narra.

Tituba é gerada quando sua mãe, Abena, sofre um estupro no momento em que estava à caminho de Barbados, onde seria escravizada. Depois de ser expulsa da fazenda do seu comprador, quando este descobriu que ela estava grávida, e ser obrigada a casar-se com um escravo de nome Yao, Abena dá a luz à sua filha. Porém, Tituba vive com sua mãe apenas até os sete anos de idade, pois esta é condenada à morte após se defender de uma segunda tentativa de estupro. Órfã, uma vez que Yao se suicida após a morte de Abena, Tituba é acolhida por Man Yaya, que a inicia nas atividades sobrenaturais. Com os ensinamentos de Man Yaya, Tituba consegue se comunicar com espíritos, incluindo os de sua mãe e Yao, e aprende a utilizar elementos da natureza para fazer poções e pequenos feitiços.

Man Yaya morre poucos dias após o aniversário de quatorze anos de Tituba, mas, ao enterrá-la Tituba não chora, pois sabe que continuará se comunicando com ela e nunca estará sozinha. Então, Tituba constrói uma cabana em um local de difícil acesso e passa a viver isolada, até conhecer John Indien, escravo por quem se apaixona à primeira vista. Contrariando os conselhos de sua mãe e de Man Yaya, ela decide ir morar com John Indien na fazenda de Susanna Endicott, dona de John. Maltratada e ameaçada desde o momento em que chega à fazenda, Tituba logo decide fazer um feitiço para provocar uma doença em Susanna, como forma de se proteger de uma possível denúncia de bruxaria arquitetada por ela e se vingar das humilhações sofridas. No entanto, a doença provocada por Tituba se agrava e Susanna falece.

Antes de morrer, entretanto, Susanna Endicott vende John para Samuel Parris, um pastor que estava na cidade a negócios e logo viajaria para Boston. Tituba mais uma vez contraria os avisos de sua mãe e decide viajar com John Indien. Após uma temporada em Boston, a família Parris, John e Tituba viajam para Salem, onde todo o processo de caça às bruxas tem início.

Em Salem, Tituba é presa, por ser julgada bruxa, e perde o contato com John, pois este a abandona na prisão. Dezesete meses depois de sua detenção, Tituba é liberta, uma vez que o governador concede perdão geral aos acusados de bruxaria. Então, endividada com o Estado devido ao tempo em que passou na cadeia, Tituba é vendida como escrava para um comerciante

judeu, Benjamin Cohen d’Azevedo, por quem se apaixona posteriormente. Após uma tragédia que causou a morte de toda a sua família, Benjamin dá a tão sonhada liberdade à Tituba, que pode, finalmente, retornar à Barbados depois de 10 anos longe da sua ilha natal.

De volta à Barbados, Tituba encontra alguns escravos fugidos e vai com eles até um quilombo, onde envolve-se com Christopher, líder do grupo. Após alguns desentendimentos com os membros do grupo, Tituba decide ir embora e reconstrói a sua cabana que havia deixado anos antes. Logo em seguida, um rapaz à beira da morte é trazido para que ela possa trata-lo.

Curado, o rapaz, chamado Iphigene, passa a viver com Tituba, que estava grávida de Christopher. Então, Iphigene decide fomentar uma revolta com a ajuda de Tituba, levando-a até as últimas consequências.

Além dos temas da escravidão e da colonização, recorrentes nas obras de Maryse Condé, nesse romance específico, temas como intolerância religiosa, homossexualidade, aborto e outros relacionados ao feminismo são abordados. Condé, desta forma, constrói uma narrativa que nos prende do início ao fim pela forma crua, dura e, ao mesmo tempo, poética com que os acontecimentos são descritos.

Moi, Tituba sorcière... Noire de Salem foi lançado em 1986 pela editora Mercure de France e sua tradução em língua portuguesa, *Eu, Tituba, feiticeira... negra de Salem*, foi publicada em 1997 pela editora carioca Rocco. O texto original possui 281 páginas e é dividido em duas partes maiores, a primeira contendo doze capítulos e a segunda composta por quinze, além de um epílogo, uma nota histórica e uma lista com alguns dos títulos publicados pela autora.

A tradução de Angela Melim possui 235 páginas e apresenta a mesma divisão interna dos capítulos. A diferença na quantidade de páginas deve-se à formatação do livro e à supressão de partes deste no momento da tradução, por exemplo, não há na tradução a apresentação da autora (presente na página 6 do texto-fonte) e a parte dedicada às suas obras (listadas nas páginas 279 e 280 do original). Outra curiosidade a respeito dessa tradução é a opção de Melim por traduzir a epígrafe de John Harrington, poeta do século XVI, que Maryse Condé insere em inglês no original.

2 PANORAMA GERAL DOS ESTUDOS DA TRADUÇÃO

Neste capítulo nos propomos a construir um panorama acerca dos estudos tradutórios. Para isso, inicialmente discutiremos acerca da Tradutologia enquanto disciplina; em seguida, discorreremos acerca da História da Tradução e da periodização dos estudos sobre o ato tradutório; por fim, traçaremos brevemente o caminho percorrido pela tradução literária no Brasil desde o período colonial até o Romantismo, na década de 30.

2.1 TRADUTOLOGIA ENQUANTO DISCIPLINA

Apesar de termos presenciado um grande desenvolvimento da reflexão sobre a tradução no século XVI, a disciplina que hoje denominamos *Tradutologia* só apareceu no século XX, quando “seu campo de estudo foi rigorosamente definido, pela primeira vez, por James Holmes (1972) em um artigo intitulado *O nome e a Natureza dos Estudos da Tradução*”⁸ (GUIDÈRE, 2010, p. 9, tradução nossa⁹). Desde então, a Tradutologia vem “trilhando caminhos que oscilavam entre o empirismo não normativo até as mais relevantes reflexões teórico-científicas com vocação mais prescritiva ou predominantemente descritiva” (BATALHA; PONTES JR., 2007, p. 17).

Em seu artigo, Holmes não define um objeto único para a Tradutologia, defendendo que a disciplina deveria estudar tanto a tradução enquanto processo, quanto como produto (GUIDÈRE, 2010). Neste trabalho pioneiro, o autor distingue dois grandes ramos dos estudos tradutológicos que “mantêm uma relação dialética e não devem, em caso algum, serem percebidos de maneira exclusiva ou unidirecional”¹⁰ (GUIDÈRE, p. 9), uma vez que a teoria alimenta a prática e esta enriquece as discussões teóricas.

⁸ “Son champ d'étude a été rigoureusement défini, pour la première fois, par James Holmes (1972) dans un article intitulé « The Name and Nature of Translation Studies ».

⁹ Todas as traduções de citações em língua estrangeira são de nossa autoria, salvo indicação contrária.

¹⁰ “entretiennent une relation dialectique et ne doivent, en aucun cas, être perçues de façon exclusive ni unidirectionnelle”.

O primeiro ramo definido por Holmes seria o da tradutologia teórica, que tem como objetivo a “descrição de fenômenos da tradução, a definição dos princípios explicativos e a teorização das práticas tradicionais”¹¹ (GUIDÈRE, 2010, p. 9). O segundo é o da tradutologia aplicada, que diz respeito à “aplicação de princípios e teorias para a formação de tradutores, desenvolvimento de ferramentas de ajuda à tradução e, ainda, a crítica de traduções”¹² (*op. cit.*, p. 9).

Antes de se firmar como disciplina e ter seu nome definido, o objeto de estudo da Tradutologia foi disputado por outros campos, como a psicolinguística, a linguística aplicada e a linguística textual. Assim, ela foi abordada por diversos ângulos, mas seu objeto e suas problemáticas não se esgotaram e, por esta razão, ela evoluiu para uma disciplina autônoma e interdisciplinar por essência (GUIDÈRE, 2010).

No tocante ao ato de traduzir, a história das ideias tradutológicas revela uma tradição de oposição em constante renovação, baseado em Steiner, Guidère (2010, p. 22) afirma que: “qualquer que seja o tratado de tradução consultado, a mesma dicotomia reaparece: aquela que existe entre ‘a letra’ e ‘o espírito’, ‘a palavra’ e ‘o sentido’”¹³.

Apesar dos avanços da Tradutologia, essa oposição entre “letra” e o “espírito”, que começou a ser discutida ainda época romana, com as traduções gregas do Antigo Testamento (II a.C.), continua no centro dos debates nos dias atuais. Os problemas de hoje são os mesmos da antiguidade, as respostas a esses problemas é que mudaram com as discussões proporcionadas pela nova disciplina (GUIDÈRE, 2010; OUSTINOFF, 2011).

Hoje, compreende-se que a Tradutologia é a ciência (*logos*) da tradução (*tracto*) e tem como objeto de estudo a teoria e a prática da tradução sob suas formas verbais e não verbais (GUIDÈRE, 2010).

¹¹ “la description des phénomènes de traduction, de la définition des principes explicatifs et la théorisation des pratiques traductionnelles”.

¹² “la mise en œuvre des principes et des théories pour la formation des traducteurs, le développement d’outils d’aide à la traduction ou encore la critique des traductions” .

¹³ “quel que soit le traité de traduction consulte, la même dichotomie reparait: celle qui existe entre « la lettre » et « l’esprit », « le mot » et « le sens »”.

2.2 HISTÓRIA DA TRADUÇÃO

Segundo Guidère (2010), a história da tradução é objeto de inúmeros estudos, muitos dos quais compreendem apenas a tradução na Europa ou em países específicos¹⁴. Essas pesquisas concordam em pelo menos um ponto específico: o ato de traduzir data de uma época remota, imprecisa. Diante da multiplicidade de ensaios gerais e específicos, os estudos da história da tradução despontam na Tradutologia como um campo à parte, com suas próprias correntes e métodos.

Enquanto alguns autores estimam que o objetivo dos estudos históricos seja a legitimação da Tradutologia, outros afirmam que estes visam a sua unificação dessa disciplina (GUIDÈRE, 2010). Em todo caso, a importância de trabalhos desse tipo é reconhecida entre a maioria dos autores. De acordo com Guidère (2010, p. 20), Berman (1984), por exemplo, afirma que “a constituição de uma história da tradução é a primeira tarefa de uma teoria moderna da tradução”¹⁵.

Os trabalhos sobre a história da tradução, de acordo com Guidère, se realizam sob diversas perspectivas: tratando a tradução enquanto prática, em oposição à história da tradução enquanto reflexão teórica; apoiando-se sobre a vida e a obra dos tradutores; ou, ainda, “ligando-a ao seu contexto sociopolítico, em oposição àqueles que a descrevem como uma atividade universal e comumente praticada em todas as línguas e em todas as culturas”¹⁶ (GUIDÈRE, 2010, p. 19).

2.2.1 PERIODIZAÇÃO NA HISTÓRIA DA TRADUÇÃO

¹⁴ Guidère cita como exemplo de estudos sobre a tradução em contextos específicos: André Lefevere (1977), acerca dos ensaios alemães, Paul Horguelin (1981), sobre os estudos realizados na França, e Santoyo (1987), sobre os estudos espanhóis.

¹⁵ “La constitution d’une histoire de la traduction est la première tâche d’une théorie moderne de la traduction”.

¹⁶ “en la reliant à son contexte sociopolitique, par opposition à ceux qui la décrivent comme activité universelle et communément pratiquée dans toutes les langues et dans toutes les cultures”.

Segundo Guidère (2010), Steiner (1975) realiza um estudo que propõe que a história da reflexão acerca da tradução seja dividida em quatro períodos, mesclando as perspectivas anteriormente citadas. O primeiro se inicia com Cícero, em 46 a.C., e “se caracteriza essencialmente por uma abordagem empírica da tradução e uma insistência sobre o papel do tradutor”¹⁷ (GUIDÈRE, 2010, p. 21).

Em seguida, temos o segundo período, que começa em 1813 com os estudos de Schleiermacher, nesta época predomina a teoria hermenêutica da tradução. O terceiro período é marcado pelas pesquisas sobre tradução automática e começa no final dos anos 1940. O quarto período se inicia no final dos anos 1960 e “se caracteriza por uma renovação das questões hermenêuticas sobre a tradução e a interpretação”¹⁸ (GUIDÈRE, 2010, p. 21).

Devido às diferenças de extensão entre os períodos, a divisão proposta por Steiner é, por vezes, criticada e reformulada. Kelly (1979), de acordo com Guidère (2010), por exemplo, propôs que o primeiro período, que agrupa dezoito séculos, fosse dividido em outras cinco porções menores.

Oustinoff (2011), por sua vez, argumenta que uma abordagem que se propõe a examinar a história da tradução, e da reflexão acerca desta, em períodos “arrisca-se a mascarar as sobreposições que vinculam as épocas entre si, de onde a necessidade de recorrer a uma apresentação que seja mais temática que estritamente cronológica” (p. 30). Assim, este autor propõe uma divisão em três partes, de acordo com a forma como a tradução é vista e realizada em determinada época.

O primeiro período, denominado por Oustinoff como “o espírito e a letra”, tem origem em Cícero (46 a.C.) e é marcado pelas reflexões acerca da tradução literal, considerada a única forma “capaz de não alterar os textos sacros” (2011, p. 31), e da tradução livre, reservada aos textos literários. Segundo Oustinoff, Cícero inscreve-se “em uma longa tradição de prática da tradução, que ele perpetua e aperfeiçoa, especialmente no plano das considerações teóricas, praticamente inexistentes antes dele” (p. 32).

¹⁷ “se caractérise essentiellement par une approche empirique de la traduction et une insistance sur le rôle déterminant du traducteur” (Tradução nossa).

¹⁸ “se caractérise par un renouvellement des interrogations herméneutiques sur la traduction et l’interprétation” (Tradução nossa).

No segundo período, que se inicia no final do século XVI, marcado pelas “belas infiéis”, a estética passa a ser o centro das preocupações dos tradutores, que realizam verdadeiras transformações nos textos a fim de produzirem obras mais belas que as originais (OUSTINOFF, 2011). Nesta época, os conceitos de apropriação e plágio começam a ser discutido, sendo que este último só se torna pejorativo no século XVIII.

A “época contemporânea”, terceiro período proposto por Oustinoff, começa na segunda metade do século XVII, com o prefácio de Dryden às *Ovid's Epistles* (1680), e assina a “sentença de morte das Belas Infiéis”. Em seu prefácio, Dryden distingue três tipos de tradução “a tradução literal (que ele chama de ‘metáfrase’); “a tradução propriamente dita (inicialmente chamada de ‘paráfrase’, mas rebatizada simplesmente de ‘tradução’ no prefácio de 1697 a suas traduções de Virgílio); e a “imitação’ (posteriormente chamada de ‘paráfrase’)” (OUSTINOFF, 2011, p. 46).

No contexto brasileiro, José Paulo Paes produziu um ensaio em 1990, intitulado *Tradução: A ponte necessária: Aspectos e problemas da arte de traduzir*, no qual ele se propõe a “esboçar o itinerário histórico e apontar alguns dos principais cultores da arte de traduzir no quadro geral de nossas atividades literárias” (OUSTINOFF, 2011, p. 11). No tópico seguinte, baseando-nos neste autor, discorreremos brevemente acerca da atividade tradutória no Brasil, do período colonial até o romantismo, no que concerne à tradução literária.

2.3 A TRADUÇÃO LITERÁRIA NO BRASIL

José Paulo Paes (1990) afirma que problemas antigos também persistem nos estudos acerca da história da tradução literária no Brasil. De acordo com ele, “o reduzido número de bibliotecas públicas existentes entre nós, a par da pobreza de seus acervos e da deficiente catalogação deles” (p. 10) são limitações bastante conhecidas no cenário brasileiro e estas são ainda mais graves no caso dos livros traduzidos. Paes afirma, ainda, que atividade dos tradutores também recebe escassa atenção na nossa historiografia.

Segundo este autor, “a tradução, entendida como atividade regularmente exercida para atender à demanda literária de um público leitor, não existiu nem poderia jamais ter existido no Brasil colonial” (PAES, 1990, p. 12). À Portugal interessava apenas a extração das riquezas

naturais brasileiras e a exclusividade de mercado para suas mercadorias, assim, “Portugal fez o quanto pôde para manter a sua colônia transatlântica em estado de inferioridade mental” (p. 12).

Na época, Portugal proibiu a instalação de tipografias e universidades em solo brasileiro, além da circulação “ideias estrangeiras”, as quais eram consideradas perigosas. Nas palavras de Paes, “se se tiver em conta que o papel da atividade tradutória é precisamente o de pôr as ‘ideias estrangeiras’ ao alcance do entendimento nacional, não será difícil entender por que ela praticamente inexistiu durante o nosso período colonial” (PAES, 1990, p. 12). No entanto, algumas poucas obras traduzidas conseguiram circular no Brasil colonial, como um Catecismo publicado em 1618, pelo Pe. Antônio de Araújo, traduzido do português de Portugal para a chamada “língua brasílica”, que servira de instrumento de catequese para os missionários.

No final do século XVIII, segundo Paes, “a tradução teve o caráter de um exercício de arejamento, de um esforço de emergir dos acanhados e anacrônicos limites do universo mental português para os horizontes bem mais amplos da literatura italiana e francesa” (PAES, 1990, p. 13). Poetas do arcadismo mineiro, como Cláudio Manuel da Costa e José Basílio da Gama, traduziram, por exemplo, peças de Pietro Metastasio, mas não ousaram traduzir os Enciclopedistas, apesar de terem sido influenciados pelas ideias libertárias destes. No entanto, dois padres baianos decidiram traduzir alguns de seus escritos, “tidos como altamente subversivos pela censura do Reino, ferrenha perseguidora das ‘ideias francesas’” (p.14), suas traduções, copiadas manualmente, circularam de maneira clandestina, uma vez que não poderiam ser publicadas em livro.

Em 1808, após a vinda de D. João VI para o Brasil, a primeira tipografia brasileira é criada e a impressão de jornais e livros torna-se possível. “Dois anos depois de sua fundação, a Imprensa Régia imprimia um livro traduzido pelo conde de Aguiar, o *Ensaio sobre a crítica*, do poeta inglês Alexander Pope” (1990, p. 14). Segundo Paes, é nesse momento que o Brasil abre suas portas para o mundo das ideias, já que antes a sua produção intelectual era considerada mofina.

Das diversas obras traduzidas que a Imprensa Régia editou, Paes (1990, p. 15) cita “as Várias sentenças de Ovídio, traduzidas por J. Alexandre da Silva; em versão de Lima Leitão, as Cantatas de Jean-Baptiste Rousseau (...) e os Provérbios de Salomão, traduzidos em quadrinhas rimadas por José Elói Otoni”, entre outros.

Segundo Paes, inicialmente, as traduções não exerceram influência sobre a literatura criativa brasileira, uma vez que a maioria dos escritores brasileiros conheciam idiomas estrangeiros e puderam ler as obras originais dos autores que os poderiam ter influenciado através das traduções. Já no caso do público leitor, as traduções desempenharam um papel pedagógico, “apresentando-lhes os grandes autores de outras literaturas e colaborando assim decisivamente para educar-lhes o gosto” (PAES, 1990, p. 11), além disso, “forneciam [aos leitores] pontos de referência para uma visão comparativa das obras originariamente escritas no seu próprio idioma” (*op. cit.*, p. 11).

O cenário descrito por Paes só começou a mudar a partir da década de 30 do século XX, quando o país viu a sua indústria editorial se desenvolver e o número de traduções publicadas aumentar. Assim, mais traduções passaram a circular e estas começaram a “influir inclusive sobre os nossos criadores literários” (p. 11).

No período do romantismo no Brasil, a tradução de poetas alemães e russos, como Heine, Púschkin e Dostoiévski, foi farta. No entanto, “eram traduções indiretas, do francês ou do espanhol, e os defeitos dessas traduções intermediárias não poderiam deixar de ter reflexos na qualidade das traduções brasileiras, que só mais tarde começaram a ser revistas ou refeitas a partir dos textos originais” (CAMPOS, 2004, p. 20).

3 PROCEDIMENTOS TEÓRICOS

O presente capítulo divide-se em três partes: a primeira discorre acerca do *Albergue do Longínquo*, de Antoine Berman; a segunda retoma as discussões acerca da analítica da tradução, trazendo o conceito de Tradutologia formulado por Berman e a sua proposta de analítica da tradução e a terceira é dedicada à discussão das tendências deformadoras analisadas por Berman em seu livro *A tradução e a letra ou o albergue do longínquo*.

3.1 ANTOINE BERMAN E O ALBERGUE DO LONGÍNQUO

Antoine Berman (1942-1991) dedicou a sua vida ao estudo e à prática da tradução, versando textos do alemão e do espanhol para a língua francesa. A maioria de suas obras, no entanto, foi publicada de maneira póstuma por sua esposa Isabelle Berman, com exceção do livro *L'épreuve de l'étranger*, publicado pela primeira vez no ano de 1984 pela editora parisiense *Gallimard*.

Uma de suas obras mais célebres, *A tradução e a letra ou o albergue do longínquo*, publicado pela primeira vez em 1995, é fruto de um seminário proferido no Collège International de Philosophie, em Paris, no ano de 1984. O texto, que é a principal base teórica do presente trabalho, foi dividido em duas partes, cada uma contendo três ensaios.

A primeira parte do livro é dedicada à crítica “das teorias tradicionais que concebem o ato de traduzir como uma restituição embelezadora (estetizante) do sentido” (BERMAN, 2013, p. 19). Aqui, o autor faz uma crítica acerca do que, baseando-se em Schleiermacher (1985), classificou como “tradução etnocêntrica e hipertextual”, construindo o que ele denominou “analítica da tradução” e “sistemática da deformação”, além de trazer uma discussão acerca na ética da tradução.

Na segunda parte do livro, o autor faz um estudo de três grandes traduções, são elas: a de *Antígona e Édipo Rei*, publicada por Sófocles em 1804, a de *Paraíso Perdido*, de John Milton, por Chateaubriand, em 1836, e a da *Eneida*, de Virgílio, publicada em 1964, por Pierre Klossowski. Segundo Berman, a análise dessas traduções, consideradas literais, tem por

objetivo “delimitar melhor o trabalho sobre a letra inerente ao ato de traduzir uma vez que ele recusa a sua figura canônica de servidor do sentido” (BERMAN, 2013, p. 19).

Berman inicia o seu texto discutindo acerca da tradução, que ele define como “uma experiência que pode se abrir e se (re)encontrar na reflexão. Mais precisamente: ela é originalmente (e enquanto experiência) reflexão” (p. 23). Para ele, a tradução pode se realizar sem teoria, mas nunca sem pensamento.

É a partir dessa discussão acerca da tradução enquanto experiência e reflexão que Berman nos introduz ao seu conceito de tradutologia: “articulação consciente da experiência da tradução, distinta de qualquer saber objetivante e exterior a ela (assim como elaboram a linguística, a literatura comparada, a poética)” (p. 24).

Entretanto, o autor considera que a tradutologia “não é uma ‘disciplina’ objetiva, mas sim um pensamento da tradução” (p. 26), em outras palavras, não se trataria de teoria ou prática, mas de uma reflexão acerca da tradução sobre si mesma, partindo da sua natureza de experiência.

Tendo em vista estes pressupostos, para Berman, a tradutologia não pretende ensinar tradução, uma vez que “não existe *a* tradução (como postula a teoria da tradução)”, mas desenvolver “de maneira transmissível (conceitual) a experiência que a tradução *é* na sua essência plural” (p. 31). Segundo Berman,

a ambição da tradutologia, se não é a de estruturar uma teoria geral da tradução (ao contrário, ela demonstraria antes que tal teoria não pode existir, pois que o espaço da tradução é babélico, isto é, recusa qualquer totalização), é, no entanto, a de meditar sobre a totalidade das ‘formas’ existentes da tradução (p. 27-28)

A partir das ideias da Tradutologia, Berman desenvolve a sua analítica da tradução, sobre a qual discorreremos a seguir.

3.2 ANALÍTICA DA TRADUÇÃO

Segundo Berman (2013), a *analítica da tradução* é a “crítica do etnocentrismo, do hipertextualismo e do platonismo da figura tradicional da tradução – no Ocidente” (p. 35), a análise que deve preceder a destruição dessa tradição ocidental e é a própria destruição.

Segundo o autor, essa destruição se faz necessária para que possamos descobrir a dimensão mais profunda da tradução: a ética, a poética e a pensante. Essas traduções ocultas pelo modelo tradicional de tradução são seus opostos exatos (p. 34), pois a essência da tradução é definida em relação à letra, uma vez que “a tradução é tradução-da-letra, do texto enquanto *letra*” (p. 33), e as teorias tradicionais da tradução condenam o “literalismo” e a tradução “palavra por palavra” (p. 34). Assim, a analítica, “que é por essência negativa, abre por sua vez uma reflexão (positiva) sobre [as dimensões] do traduzir” (p. 35).

De acordo com Berman, a tradução etnocêntrica considera negativo tudo que é estrangeiro, adaptando à sua própria cultura, normas e valores o que merece ser anexado para aumentar a riqueza cultural. Esse tipo de tradução pretende se passar pelo texto original a partir de dois princípios: apagando ou delimitando qualquer marca da língua em que o texto originalmente foi escrito, além de apresentar-se em língua normativa, para que não choque o leitor com “‘estranhamentos’ lexicais ou sintáticos” e, como consequência do primeiro princípio, oferecendo ao leitor “um texto que o autor estrangeiro teria escrito se tivesse escrito na língua da tradução”, buscando causar a “mesma ‘impressão’ no leitor de chegada que no leitor de origem” (p. 46).

De maneira oposta, considerando que uma relação apropriadora é não-ética, uma tradução ética consistiria “em reconhecer e em receber o Outro enquanto Outro” (p. 95). Para Berman, essa escolha ética é a mais difícil, porém, uma cultura só se consolida como tal se for conduzida por essa escolha. O autor afirma ainda que “a tradução, com seu objetivo de fidelidade, pertence *originariamente* à dimensão ética. Ela é, na sua essência, animada pelo *desejo de abrir o Estrangeiro enquanto Estrangeiro ao seu próprio espaço de língua*” (p. 97).

Segundo Berman, “a relação hipertextual é a que une um texto ‘x’ com um texto ‘y’ que o antecede” (p. 47), isso ocorre quando um texto imita, faz um pastiche, uma paródia, uma citação ou uma paráfrase de outro, por exemplo. Ainda segundo esse autor, “do ponto de vista da estrutura formal, essas relações estão muito próximas da tradução” (p. 47), devido à relação que se estabelece entre uma tradução e o texto que o precede, o texto-fonte.

Entre os modos de hipertextualidade que mais se assemelham à tradução, estão a imitação e o pastiche, os quais são produzidos a partir da seleção de traços estilísticos de determinada obra e para se passar por um texto de determinado autor (p. 48). Também o tradutor visa a reprodução do sistema estilístico da obra que traduz, no caso das traduções hipertextuais.

Para se opor a esse tipo de tradução literarizante, Berman propõe uma tradução poética. Segundo esse autor, “a *poeticidade* de uma tradução reside em o tradutor ter realizado um verdadeiro trabalho textual (...), em correspondência mais ou menos estreita com a textualidade do original” (BERMAN, 1995, p. 92). Assim, o tradutor possuiria certa liberdade para trabalhar o texto e construir sua tradução com uma textualidade própria, mantendo proximidade com a textualidade e rítmica do texto-fonte.

Finalmente, as traduções ocidentais criticadas por Berman são platônicas, no sentido de que seguem o “famoso corte entre o ‘sensível’ e o ‘inteligível’, o ‘corpo’ e a ‘alma’” instituído por Platão, com o qual corroborou São Paulo ao opor “o ‘espírito’ que ‘vivifica’ e a ‘letra’ que ‘mata’” (p. 43). Ao tecer a sua crítica acerca dessa ideia de oposição, Berman afirma que “o platonismo é simultaneamente demonstrado e refutado na tradução”, pois esta demonstra que a “letra e o sentido são, ao mesmo tempo, dissociáveis e indissociáveis” (p. 55).

Para esse autor, há todo um sistema de deformações que ocorre no âmbito das traduções, principalmente no caso das etnocêntricas e hipertextuais, onde um jogo de forças deformadoras se exerce de forma livre. Assim, “a analítica propõe colocar em evidência essas forças e mostrar os pontos sobre os quais elas agem” (p. 63).

Essa análise proposta pelo autor é analítica em dois sentidos. Primeiramente, no sentido cartesiano, por se tratar de uma “análise parte por parte desse todo sistemático, cujo fim é a destruição, não menos sistemática, da letra dos originais, somente em benefício do ‘sentido’ e da ‘bela forma’” (p. 67). Em segundo lugar, trata-se de uma análise no sentido psicanalítico “na medida em que esse sistema é grandemente inconsciente e se apresenta como um leque de tendências, de forças que desviam a tradução de seu verdadeiro objetivo” (BERMAN, 1995, p. 63).

Desta forma, Berman propõe o exame de treze tendências deformadoras, afirmando que “talvez existam outras; algumas convergem, ou derivam das outras; algumas são bem conhecidas” e, ainda, que elas “[concernem] a toda tradução, qualquer que seja a língua, pelo menos no espaço ocidental. Quando muito pode-se dizer que certas tendências agem mais em tal ou tal área-de-língua” (p. 67-68).

3.3 TENDÊNCIAS DEFORMADORAS

A primeira tendência analisada por Berman é a racionalização. Essa deformação compromete a estrutura arborescente do texto em prosa ao modificar as estruturas sintáticas do original para reorganizar as frases de forma linear, visando “uma certa ideia da ordem de um discurso” (2013, p. 68). Além disso, a racionalização pode ocorrer através da modificação da pontuação e da tradução de verbos por substantivos, selecionando substantivos mais gerais.

A clarificação, segunda deformação analisada, “concerne particularmente ao nível de ‘clareza’ sensível das palavras ou de seus sentidos” (p. 70). Segundo Berman, a clarificação é algo inerente ao ato tradutório, porém, essa clarificação pode ser negativa ao tornar claro algo que não era aparente no original ou ao reduzir a polissemia do texto à monossemia.

A terceira tendência deformadora é o alongamento, o qual “se produz – em diversos graus – em todas as línguas para as quais se traduz, e que não há essencialmente uma base linguística” (2013, p. 72-73). Conforme Berman, a tendência de toda tradução a ser mais longa que o original se deve, em parte, às duas primeiras tendências, uma vez que estas exigem um desdobramento do texto. No entanto, o alongamento do texto não acrescenta nada à sua significância: “as explicações tornam, talvez, a obra mais ‘clara’, mas na realidade obscurecem seu modo próprio de clareza” (2013, p. 72). Além disso, o alongamento produz um afrouxamento no texto, o que afeta a sua rítmica, e coexiste com o empobrecimento quantitativo.

A quarta deformação, o enobrecimento, ocorre quando o tradutor utiliza o texto-fonte como matéria prima para construção de um texto mais “elegante”. Segundo Berman, “a estética vem aqui completar a lógica da racionalização: todo discurso deve ser um belo discurso” (2013, p. 73). Assim, o enobrecimento constitui-se um “‘exercício de estilo’ a partir (e às custas) do original” (p. 74). A outra face dessa deformação é a vulgarização, que ocorre quando o tradutor se utiliza de pseudogírias e pseudorregionalismos para versar passagens do texto-fonte tidas como “populares”, atestando a confusão entre a fala e a oralidade e traindo tanto a oralidade da zona rural quanto os falares urbanos (p. 74).

A quinta deformação examinada por Berman é o empobrecimento qualitativo. Essa tendência é verificada em traduções onde ocorre a substituição de termos, expressões, modos de dizer do original por outros que não possuem a mesma riqueza sonora e/ou icônica.

O empobrecimento quantitativo, por outro lado, é constatado quando há um desperdício lexical, geralmente, por haver menos significantes na tradução que no original, seja por uma particularidade das línguas de partida e de chegada ou por uma escolha tradutória. Esse desperdício pode, ainda, coexistir com o alongamento, uma vez que este serve para mascarar-lo, ao aumentar a massa bruta do texto (2013, p. 76).

A homogeneização, sétima tendência do sistema de deformação, é resultado das deformações precedentes e reúne grande parte das demais tendências analisadas por Berman, porém, o autor a considera uma tendência à parte por sua relação profunda e subjetiva com o ser do tradutor. Segundo o autor, “frente a uma obra heterogênea – e a obra em prosa o é quase sempre – o tradutor tem tendência a unificar, a homogeneizar o que é da ordem do discurso, mesmo do disparate” (2013, p. 77).

A destruição dos ritmos é a oitava tendência analisada e diz respeito à deformação que afeta a rítmica do texto. De acordo com Berman, “o romance, a carta, o ensaio, não são menos rítmicos do que a poesia. São, inclusive, multiplicidade entrelaçada de ritmos” (p. 78). Assim, mesmo uma tradução “ruim” de um romance consegue nos prender, pois a tensão rítmica da prosa é difícil de ser destruída.

Segundo Berman, sob todo texto, “ressurgem certas palavras que formam, quer seja pelas suas semelhanças ou seus modos de intencionalidade, uma rede específica”, além disso, esse subtexto “constitui uma das faces da rítmica e da significância da obra” (2013, p. 79). É nesse nível mais profundo que age a nona tendência, denominada destruição das redes significantes subjacentes. Esta deformação atua sob a superfície do texto, interferindo nos significantes que se encadeiam no texto subjacente que a obra a ser traduzida comporta e afetando a rítmica da obra, sem que esta sistemática seja percebida pela tradução tradicional (p. 80).

No nível sintático, temos a destruição dos sistematismos, décima tendência examinada. Essa tendência é observada no tipo de frases e construções empregadas na tradução, as quais se diferem das utilizadas originalmente, por exemplo, a modificação das orações subordinadas utilizadas e a substituição de tempos verbais. Essa deformação resulta da racionalização, clarificação e alongamento, à medida em que essas destroem este sistematismos da obra introduzindo elementos que foram originalmente excluídos. Esse acréscimo de elementos estranhos ao texto torna-o incoerente e inconsistente, apesar de sua aparência mais homogênea que o original (2013, p. 80).

A destruição ou a exotização das redes de linguagens vernaculares é considerada uma deformação bastante crítica, por três motivos elencados por Berman: devido à natureza plurilíngue da prosa, o que resulta na pluralidade de elementos vernaculares no texto, devido ao seu projeto de concretude, que favorece a utilização das vernaculares por estas serem mais icônicas que as coínes; e ao seu “objetivo explícito [de] retomada da oralidade vernacular” (2013, p. 82). Assim, pode-se afirmar que o apagamento dos termos vernaculares é um “grave atentado à textualidade das obras em prosa” (p. 82). Para conservá-los, o tradutor pode lançar mão da exotização, através de duas maneiras: o recurso tipográfico para separar o elemento estrangeiro do restante do texto (o itálico) e a explicação do termo vernacular a partir de um estereótipo deste; ambas as formas causam uma deformação no texto e despertam estranhamento no leitor.

Outra importante deformação discutida por Berman é a destruição das locuções, a qual se relaciona com a linguagem vernacular, uma vez que dela resultam a abundância de imagens, locuções, expressões e provérbios presentes na prosa. Segundo Berman, a maioria desses provérbios e locuções possuem equivalentes em outras línguas, no entanto, essas equivalências não os substituem. Sendo assim, é mais válida uma tradução livre e literal da forma-provérbio do que a inserção de um equivalente, uma vez que “existe em nós uma consciência-de-provérbio que perceberá imediatamente no povo provérbio, o irmão de um provérbio local” (BERMAN, 2013, p. 84).

A última tendência do sistema de deformações analisada por Berman é o apagamento das superposições de línguas. Segundo esse autor, em uma prosa romanesca é comum a interação de duas línguas ou dialetos, o que é ameaçado pela tradução, que tende a apagar essa superposição na busca pela homogeneização do texto (BERMAN, 2013, p. 85).

Para Berman, a tradução, quando regida por estas forças e tendências apresentadas, desfaz a relação letra-sentido instituída pela obra em prol da revelação de um sentido mais puro à partir das ruínas da letra. Por outro lado, “quando ‘criticamos’ o sistema das tendências deformadoras, o fazemos em nome de uma *outra* essência do traduzir. Pois, se, de certa forma, a letra deve ser destruída, de outra – mais essencial – ela deve ser salva e *mantida*” (p. 87).

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Neste capítulo, apresentaremos a metodologia adotada durante a realização da presente pesquisa. Para isso, discorreremos acerca do tipo da pesquisa realizada, citando o referencial teórico que embasa as nossas afirmações, e da forma como os dados foram tratados em todas as etapas do nosso trabalho.

4.1. TIPO DE PESQUISA

Do ponto de vista de seus objetivos, o presente trabalho se caracteriza como descritivo-explicativo. Segundo Oliveira (2008), a pesquisa descritiva procura “analisar fatos e/ou fenômenos, fazendo uma descrição detalhada da forma como se apresentam esses fatos e fenômenos, ou, mais precisamente, é uma análise em profundidade da realidade pesquisada” (p. 68). Assim, não nos limitaremos à mera descrição dos fatos, mas analisaremos estes relacionando-os à analítica da tradução proposta por Antoine Berman.

Ainda devido aos seus objetivos, esta pesquisa se configura como explicativa, ou analítica, que se realiza quando “o pesquisador procura explicar os porquês das coisas e suas causas, por meio do registro, da análise, da classificação e da interpretação dos fenômenos observados” (PRODANOV; FREITAS, 2013, p. 70).

Uma vez que nosso estudo não se restringirá à descrição dos fenômenos observados, ele se caracteriza também como qualitativo, no que diz respeito à forma de abordagem do objeto analisado. A abordagem qualitativa caracteriza-se pela interpretação e atribuição de significados aos fenômenos averiguados na análise. Nesse tipo de pesquisa, há “um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números” (PRODANOV; FREITAS, 2013, p. 70), uma vez que esta “aprofunda-se naquilo que não é aparente” (TOZONI-REIS, 2010, p. 7).

Por fazermos um levantamento de trabalhos científicos produzidos a partir das obras de Maryse Condé, formulando hipóteses acerca dos resultados e apontando qual de suas obras foi mais utilizada nesses trabalhos, nossa pesquisa também adquire status de quantitativa (Cf.

Capítulo II e Apêndice I). Segundo Prodanov e Freitas (2013, p. 70), a pesquisa quantitativa “considera que tudo pode ser quantificável, o que significa traduzir em números opiniões e informações para classificá-las e analisá-las”, assim, consideramos, em ocasião do Capítulo II, importante a realização desse levantamento para entender a opção dos pesquisadores por determinada tradução em detrimento de outra e para justificar a importância da nossa pesquisa.

O presente estudo é, ainda, documental. Muitas vezes confundida com a pesquisa de cunho bibliográfico, a pesquisa documental diferencia-se desta pela natureza da fonte de coleta de dados. Enquanto a pesquisa bibliográfica remete a fontes secundárias, ou seja, relaciona trabalhos de diferentes pesquisadores que contribuíram para o tema, a pesquisa documental é realizada com fontes primárias, documentos que ainda não receberam tratamento analítico (SÁ-SILVA et al., 2009).

4.2 TRATAMENTO DOS DADOS

Em nossa análise, devido à semelhança entre as pesquisas de cunho documental e as de natureza bibliográfica, seguiremos as etapas da pesquisa bibliográfica propostas por Gil (2008) no que diz respeito à leitura do material em análise. Segundo este autor, a leitura que se faz em pesquisa deve ter por objetivo analisar os dados presentes no documento relacionando-os ao problema motivador do trabalho. Para isso, ele recomenda quatro tipos de leituras.

A primeira leitura proposta por Gil (2008) é a leitura exploratória. O objetivo desta é o contato superficial com a totalidade da obra a ser estudada, por isso, nem tudo precisa ser lido, “pois nem tudo será importante para alcançar os propósitos da pesquisa. O material que se mostrar pouco pertinente será deixado de lado” (p. 75). Após a definição do corpus da pesquisa, o autor recomenda uma leitura seletiva, “ou seja, uma leitura mais aprofundada das partes que realmente interessam” (p. 75).

Definido o corpus do trabalho, procede-se à leitura analítica do material escolhido de forma a “ordenar e sumarizar as informações”, com vistas à resolução do problema de pesquisa (p. 75). Finalmente, deve ser feita uma leitura interpretativa do corpus, a qual, segundo o autor, “nem sempre ocorre separadamente da leitura analítica” (p. 75).

Após a leitura exploratória do material inicialmente selecionado, elegemos para análise os capítulos 1 e 2 do livro *Moi, Tituba sorcière... Noire de Salem* (1986) e do livro *Eu, Tituba, feitiçeira... negra de Salem* (1997). O trecho analisado encontra-se entre as páginas 13 e 38, na obra original de Maryse Condé, e entre as páginas 11 e 32, na tradução realizada por Ângela Melim. A escolha dos dois primeiros capítulos é justificada pelas limitações na extensão do texto e no tempo disponível para a realização da pesquisa.

Ainda em nossa leitura seletiva, delimitamos para o nosso trabalho a análise de cinco tendências deformadoras, dentre as treze sobre as quais Berman discorre. No entanto, essa delimitação não nos impedirá de tratar tangencialmente de outras tendências deformadoras a estas relacionadas, por exemplo, a homogeneização decorrente da racionalização.

Por fim, para realizarmos a nossa leitura interpretativa e analítica, optamos por dispor os trechos que serão analisados em tabelas, posicionando lado a lado o texto original de Maryse Condé, a tradução de Angela Melim e, por vezes, uma proposta de tradução livre formulada por nós. A tradução livre que construímos objetiva auxiliar a compreensão do trabalho realizado, uma vez que o leitor do presente estudo pode não conhecer a língua francesa.

Em determinados momentos da nossa análise, julgamos dispensável a disposição da tradução literal nas tabelas. Isso ocorreu na análise da destruição dos ritmos porque, nesse momento específico, apenas a pontuação empregada na tradução seria analisada. No caso da análise acerca do empobrecimento quantitativo, acreditamos que a supressão dessa parte da tabela em particular não trará prejuízos para a análise visto que esta retoma o contexto de onde os trechos foram retirados; além disso, a discussão focaliza a escolha de palavra(s) específica(s) utilizada(s) no trecho traduzido, as quais foram grifadas em negrito nas tabelas.

5 DEFORMAÇÕES EM *EU, TITUBA, FEITICEIRA... NEGRA DE SALEM*

No presente capítulo analisamos a tradução construída por Angela Melim do romance *Moi, Tituba sorcière... Noire de Salem* (1986), publicado em 1997 sob o título de *Eu, Tituba, feiticeira... negra de Salem*. O corpus, extraído dos dois primeiros capítulos do romance, será analisado à luz da analítica da tradução de Antoine Berman e a partir da comparação entre o texto original e a tradução. Dentre as treze deformações elencadas por Berman (2013), serão analisadas as seguintes: racionalização, destruição dos ritmos, clarificação, empobrecimento quantitativo e empobrecimento qualitativo.

Apesar de outras deformações, como a destruição dos sistematismos (que ocorreu trinta e duas vezes) e a homogeneização (que ocorreu pelo menos dezessete vezes), terem se mostrado mais frequentes que algumas das deformações analisadas, optamos por excluí-las do nosso estudo por considerarmos que estas não afetaram diretamente o sentido do texto ou sua rítmica. Além disso, as excluímos devido à proximidade destas com a racionalização.

Também encontramos casos de vulgarização (tendência oposta ao enobrecimento), destruição ou a exotização das redes de linguagens vernaculares, destruição das locuções e apagamento da superposição de línguas, sendo que cada uma dessas deformações ocorreu apenas uma vez. Não foram detectados casos de destruição das redes significantes subjacentes e não houve alongamento do texto.

A análise das tendências deformadoras selecionadas se mostrou bastante produtiva, mesmo no caso do empobrecimento quantitativo, para o qual apenas um exemplo foi encontrado. Embora tenha se mostrado menos frequente na tradução analisada, julgamos interessante a sua exposição devido à forma como ela se apresenta no texto e à ocorrência de um fenômeno oposto, o enriquecimento quantitativo. Portanto, optamos por incluí-la no presente capítulo.

Por outro lado, a racionalização mostrou-se abundante no corpus analisado, aparecendo trinta e nove vezes no texto traduzido. As ocorrências dessa deformação devem-se em parte às diferenças sintáticas existentes entre a língua portuguesa e a língua francesa, além da inclinação que o tradutor tem à racionalização do texto traduzido.

Dentre as tendências selecionadas para a análise, logo após a racionalização, a segunda tendência mais recorrente em nossa análise foi o empobrecimento qualitativo, que ocorreu vinte e quatro vezes; em terceiro lugar temos a destruição dos ritmos, com vinte e dois casos contabilizados; e em quarto lugar vem a clarificação, que ocorreu nove vezes na sua forma negativa, quando clarifica algo que não está explícito no original.

A seguir abordaremos essas tendências deformadoras, ilustrando as ocorrências de cada uma delas através de extratos dos textos, que foram dispostos em tabelas.

5.1 RACIONALIZAÇÃO

A racionalização é uma tendência deformadora que surge a partir da reestruturação das frases, da alteração da pontuação do texto original e da substituição de verbos por substantivos na tradução. De acordo com Berman, a grande prosa tem uma estrutura em arborescência, o que resulta das “repetições, proliferação em cascata das relativas e dos participios, incisos, longas frases, frases sem verbo, etc.” (BERMAN, 2013, p. 68). Assim, a recomposição das estruturas sintáticas do texto, feitas pelo autor com o objetivo de “arrumá-las conforme uma certa ideia de *ordem* de um discurso” (2013, p. 68), destrói a arborescência do texto, conduzindo-o à linearidade.

A seguir, veremos alguns dos casos de racionalização com os quais nos deparamos durante a nossa leitura analítico-interpretativa.

Tabela 1: Racionalização por reordenação das frases

Original	Tradução livre	Tradução de Angela Melim
Elle ne l'avait pas tue cependant. Dans sa fureur maladroite, elle n'était parvenue qu'à lui entailler l'épaule (p. 20).	Ela não o tinha matado, no entanto. Na sua fúria desajeitada, não conseguiu senão feri-lo no ombro.	No entanto, não o tinha matado. Em seu furor desajeitado, só conseguiu feri-lo no ombro (p. 17).

Quand, la nuque brisée, elle rendit l'âme, un chant de revolte et de colère s'éleva de toutes les poitrines que les chefs d'équipe firent taire à grands coups de nerf de bœuf (p. 20).	Quando, o pescoço quebrado, ela entregou a alma, um canto de revolta e de cólera ergueu-se de todos os peitos, que os chefes de equipe fizeram calar a grandes golpes de vergalho.	Quando, o pescoço partido, entregou a alma, ergueu-se de todos os peitos um canto de revolta e cólera, que os chefes de equipe fizeram calar, com grandes golpes de vergalho (p. 17).
---	--	---

Nos trechos apresentados na tabela 1 temos a forma mais comum pela qual a racionalização se apresenta: a reordenação dos componentes das frases. Assim, no primeiro caso, temos uma mudança da posição da conjunção *no entanto* (*cependant*, no original), que passa do início da oração para o final, durante o processo de tradução. Já no segundo trecho, é o sujeito (“um canto de revolta e de cólera”) que troca de lugar com o predicado (“ergueu-se de todos os peitos”), invertendo a ordem em que estes elementos aparecem no texto original.

Tabela 2: Racionalização por recomposição das frases

Original	Tradução livre	Tradução de Angela Melim
Darnell était debout à moins d'un mètre d'elle. Il avait tombé la chemise, défait son pantalon, découvrant la blancheur de ses sous-vêtements et sa main gauche fouillait à hauteur de son sexe (p. 20).	Darnell estava de pé a menos de um metro dela. Ele tinha derrubado a camisa, aberto suas calças, descobrindo a brancura de suas roupas de baixo, e sua mão esquerda procurava algo à altura do seu sexo.	Darnell, a menos de um metro dela. Tinha jogado a camisa pelo chão, aberto as calças, descobrindo a brancura da roupa de baixo, e com a mão esquerda apalpava o sexo (p. 17).

Na tabela 2, o texto de Condé é racionalizado através de uma total recomposição de sua estrutura, causada pela supressão de elementos das frases. Na primeira frase do trecho, o verbo “être”, conjugado na terceira pessoa do singular: “était”, é apagado; bem como a expressão “debout”, que significa “de pé”. No lugar de “estava de pé”, a tradutora emprega, simplesmente, uma vírgula. Além disso, onde a autora escreve “il avait tombé”, traduz-se apenas como “tinha jogado”, tornando implícito o sujeito da frase através do apagamento deste.

Tabela 3: Racionalização através da alteração da pontuação

Original	Tradução livre	Tradução de Angela Melim
Il pirouetta à nouveau sur lui-même en riant aux éclats. Cette gaieté me sidéra. Ainsi, il y avait des êtres heureux sur cette terre de misère... (p. 28).	Ele piruetou de novo sobre si mesmo, rindo às gargalhadas. Esta alegria me impressionou. Então, havia seres felizes sobre esta terra de miséria...	Fez nova pirueta em torno de si mesmo, rindo às gargalhadas. Aquela alegria me deixou estupefata. Então havia seres felizes nesta terra de miséria... (p. 24).
Tout cela, les réticences de Man Yaya, les lamentations de ma mère, aurait pu m’inciter à la prudence (p. 31).	Tudo isso, as reticências de Man Yaya, as lamentações de minha mãe, teria podido me incitar à prudência.	Tudo isso – as reticências de Man Yaya, as lamentações de minha mãe – poderia ter me incitado à prudência (p. 27).

De acordo com Berman (2013), a pontuação é um elemento muito delicado no texto em prosa. Na tabela 3, a alteração desse elemento é empregada como uma forma de racionalização do texto traduzido. No primeiro exemplo, a tradutora opta por dividir ao meio o parágrafo do texto original, mudando a estrutura deste. No segundo trecho, as vírgulas que a autora emprega para separar um aposto são substituídas por travessões.

Até o momento, vimos casos de racionalização que causaram modificação apenas na estrutura do texto, destruindo a sua estrutura arborescente em prol da linearidade. No entanto,

a recomposição das frases promovida pela racionalização pode causar alteração na ênfase e no sentido do texto, como veremos nas tabelas seguintes.

Tabela 4: Reordenação das frases e mudança de ênfase

Original	Tradução livre	Tradução de Angela Melim
Abena, ma mère, un marin anglais la viola sur le pont du <i>Christ the King</i> (p. 13).	Abena, minha mãe, um marinheiro inglês a violentou sobre a ponte do <i>Christ the King</i> .	Abena, minha mãe, foi violentada por um marinheiro inglês na ponte do <i>Christ the King</i> (p. 11).
Il pensait que ma mère saurait chanter pour la distraire, danser éventuellement et pratiquer ces tours dont il croyait les nègres friands (p. 13).	Ele pensava que minha mãe saberia cantar para distraí-la, dançar eventualmente e praticar essas voltas que ele acreditava que os negros gostavam.	Achava que minha mãe saberia distraí-la cantando, eventualmente dançando e dando aquelas voltas que, segundo imaginava, os negros gostavam de dar (p. 11).

No primeiro exemplo da tabela 4, podemos perceber uma mudança na ordem dos elementos da frase, que passa da voz ativa (“um marinheiro inglês a violentou”) para a voz passiva (“Abena, minha mãe, foi violentada por um marinheiro inglês”). No primeiro caso, o sujeito é “um marinheiro inglês” e o pronome oblíquo “a”, que substitui *Abena*, é o objeto direto; no segundo caso, “Abena, minha mãe” é o sujeito da frase e “um marinheiro inglês” é o agente da passiva. Desta forma, há uma mudança na ênfase da frase: no original, a ênfase estava na violência cometida pelo marinheiro; na tradução, enfatiza-se a violência sofrida por Abena.

No segundo exemplo, ao traduzir “chanter pour la distraire” como “distraí-la cantando”, invertendo a ordem em que as palavras foram originalmente dispostas, a ênfase é retirada do ato de cantar (com a finalidade de distrair) e posta sobre o ato de distrair (através do canto).

Tabela 5: Recomposição das frases e mudança de sentido

Original	Tradução livre	Tradução de Angela Melim
Avec elle, il fit l'acquisition de deux hommes, deux Ashantis ceux-là aussi, victimes des guerres entre Fantis et Ashantis (p. 13).	Com ela, ele fez a aquisição de dois homens, dois Ashantis estes também, vítimas das guerras entre Fantis e Ashantis.	Junto com ela, adquiriu dois homens, dois ashantis, também eles vítimas das guerras entre fantis e ashantis (p. 11).
Man Yaya mettait la dernière main à une partie de son enseignement, celle concernant les plantes (p. 25).	Man Yaya deu uma última mão numa parte de seu ensinamento, aquela concernente às plantas.	Man Yaya deu uma última mão numa parte de seus ensinamentos sobre as plantas (p. 21).

O primeiro trecho disposto na quinta tabela, narra o momento em que Darnell Davis compra Abena, juntamente com dois homens. Traduzindo livremente a frase, respeitando a pontuação original, temos que os homens que foram comprados era ashantis também, assim como Abena, e eram vítimas das guerras. No entanto, na tradução de Angela Melim há uma mudança na estrutura da frase e, conseqüentemente, no sentido desta: agora, o “também” sai do aposto e a característica que os homens passam a ter em comum com Abena é o fato de ambos serem vítimas das guerras.

O segundo trecho narra o momento em que Man Yaya dá seus últimos ensinamentos à Tituba, pouco antes de falecer. No texto original, através de uma tradução livre, temos o seguinte: “Man Yaya deu uma última mão numa parte de seu ensinamento, aquela concernente às plantas”, ou seja, Man Yaya reforçou “aquela parte dos ensinamentos”, a parte referente ao uso das plantas. Depois da reestruturação do texto, a tradução ficou: “Man Yaya deu uma última mão numa parte de seus ensinamentos sobre as plantas” (p. 21), ou seja, entende-se que os ensinamentos foram exclusivamente sobre as plantas. Através dessa racionalização, a tradução apaga a parte dos ensinamentos de Man Yaya acerca de como controlar os elementos da natureza, se transformar em animais e se comunicar com os invisíveis.

Por fim, podemos afirmar que os exemplos expostos, principalmente os das tabelas 1, 2 e 3, também ilustram a tendência deformadora da homogeneização, uma vez que esta mantém estreita relação com a racionalização. A homogeneização, sétima tendência analisada por Berman, apesar de ser considerada uma tendência à parte, é resultado de outras deformações, como a racionalização.

Como já foi afirmado anteriormente, “frente a uma obra heterogênea – e a obra em prosa o é quase sempre – o tradutor tem tendência a unificar, a homogeneizar o que é da ordem do discurso, mesmo do disparate” (BERMAN, 2013, p. 77). Desta forma, ao racionalizar o texto, o tradutor torna-o mais homogêneo, embora também seja “mais *incoerente*, mais heterogêneo e mais inconsistente” (p. 30). Essa homogeneização, assim como a racionalização, ocorre através da reorganização das frases e da substituição de elementos da língua de partida por aqueles da língua de chegada, evitando o estranhamento do leitor, como pudemos ver nos trechos analisados.

5.2 DESTRUIÇÃO DOS RITMOS

Segundo Berman, uma das formas de se destruir o ritmo de um texto em prosa é alterando sua pontuação. Em nossa análise, percebemos a ação dessa tendência deformadora já no título do romance, que passa de *Moi, Tituba Sorcière... Noire de Salem* para *Eu, Tituba, feiticeira... negra de Salem*, recebendo o acréscimo de uma vírgula no momento da tradução. A seguir, apresentaremos outros exemplos dessa tendência deformadora.

Tabela 6: Destruição dos ritmos no interior das orações

Original	Tradução de Angela Melim
Les pieds entravés et une corde autour du cou, ceux-ci furent donc emmenés à Bridgetown pour trouver acquéreur et ensuite dispersés aux quatre vents de l'île, le	De pés presos nas traves e com uma corda em volta do pescoço, eles foram, então, levados para Bridgetown, para encontrarem comprador e, depois, dispersos aos quatro

père se trouvant séparé du fils, la mère de la fille (p. 24).	ventos da ilha, separando-se pai de filho, mãe de filha (p. 20).
Le soir, le ciel violet de l'île s'étendait au-dessus de ma tête comme un grand mouchoir contre lequel les étoiles venaient scintiller une à une. Le matin, le soleil mettait sa main en cornet devant sa bouche et m'invitait à vagabonder avec lui (p. 25).	À noite, o céu violeta da ilha se estendia por sobre minha cabeça, como um grande lenço, contra o qual as estrelas vinham cintilar, uma a uma. De manhã, o sol punha a mão sobre a boca, em forma de concha, e me convidava a vagabundear com ele (p. 21).
Était-ce bien nécessaire puisqu'il semblait «naturellement» séduit. Puis, j'eus l'intuition que l'essentiel n'est pas tant de séduire un homme que de le garder et que John Indien devait appartenir à l'espèce aisément séduite qui se rit de tout engagement durable. J'obéis donc à Man Yaya (p. 33).	Era mesmo necessário, já que ele parecia “naturalmente” seduzido? Depois, tive a intuição de que o essencial não é tanto seduzir o homem, mas preservá-lo, e de que John Índio devia pertencer à espécie facilmente seduzida, que ri de todo compromisso duradouro. Obedeci, então, a Man Yaya (p. 28).
Je te l'ai toujours dit. L'univers a ses règles que je ne peux bouleverser entièrement. Sinon, je détruirais ce monde et en rebatirais un autre où les nôtres seraient libres. Libres d'assujettir à leur tour les Blancs. Hélas! je ne le peux pas! (p. 37).	Sempre lhe disse que o universo tem as suas regras, que eu não posso mudar inteiramente. Se pudesse, destruiria este mundo e construiria outro, onde os nossos seriam livres. Livres para, por sua vez, escravizar os brancos. Ai de mim, não posso! (p. 31).

Nos exemplos da tabela 6 podemos perceber que houve um aumento considerável na quantidade de pontuação empregada no texto. No primeiro trecho, temos três vírgulas no texto original e sete vírgulas na tradução, além do ponto-final que encerra a oração em ambas as versões do texto. No segundo, há duas vírgulas no original e sete na tradução, há também dois pontos-finais empregados na mesma posição. No terceiro trecho, apenas uma vírgula e dois

pontos finais foram empregados no texto original; na tradução há sete vírgulas, um ponto final e uma interrogação. Na quarta passagem extraída do original temos quatro pontos-finais, uma vírgula e duas exclamações; já na tradução temos três pontos-finais, seis vírgulas e um sinal de exclamação.

Todas essas modificações de pontuação provocam uma deformação irreparável na estrutura rítmica do texto. Além do acréscimo de vírgulas, movimento compreensível quanto levamos em consideração a diferença entre as estruturas sintáticas das línguas francesa e portuguesa, há diferenças indefensáveis, como a substituição de exclamações por vírgulas ou a união de duas frases, separadas por um ponto-final, para formar uma oração coordenada, ligada pela conjunção integrante *que*.

Além dessas alterações que aconteceram no interior de parágrafos quase completos, podemos citar outras alterações em trechos menores do texto, que causam o mesmo tipo de deformação na estrutura do original. Eis os exemplos:

Tabela 7: Modificações na pontuação do final das orações

Original	Tradução de Angela Melim
Prends-la sur tes genoux. Embrasse-la. Caresse-la...” (p. 18).	Ponha-a no colo. Beije-a. Abrace-a.” (p. 15).
Le coutelas! Donne-moi le coutelas! (p. 20).	O facão, me dá o facão! (p. 17).
Tu sais comment les femmes aiment babier? (p. 28).	Você sabe como as mulheres adoram falar (p. 24).

Como é possível observar nos exemplos apresentados, essas alterações destroem o ritmo da obra ao suprimir reticências, exclamações e sinais de interrogação. Se no segundo exemplo apenas o ritmo é modificado, no primeiro, há também o desaparecimento da noção de incompletude ou de suspensão da frase, promovido pelas reticências. Do mesmo modo, no terceiro exemplo, o apagamento do sinal de interrogação não interfere somente no ritmo, mas

no sentido da frase, uma vez que uma pergunta feita por um personagem no texto original torna-se uma afirmação na tradução.

5.3 CLARIFICAÇÃO

A clarificação diz respeito ao nível de clareza dos sentidos. Segundo Berman, esta deformação é inerente ao ato de traduzir, uma vez que este é explicitante por natureza. Porém, quando a clarificação resulta em uma destruição da polissemia do texto, tornando claro o que não pretende ser no original, esta clarificação adquire sentido negativo.

As duas formas citadas por Berman pelas quais a clarificação pode ocorrer são: a tradução explicativa ou parafrástica e a passagem da polissemia para a monossemia. Vejamos nos exemplos a seguir.

Tabela 8: Clarificação por paráfrase

Original	Tradução livre	Tradução de Angela Melim
Je luttai contre moi-même cette nuit-là et encore sept nuits et sept jours. (p. 37).	Eu lutei contra mim mesma naquela noite e ainda sete noites e sete dias.	Lutei contra mim mesma naquela noite, e nas outras sete noites e sete dias (p. 32).
J'inclinai convulsivement la tête (p. 29).	Eu inclinava convulsivamente a cabeça.	Fiz que sim com a cabeça, convulsivamente (p. 25).

No primeiro trecho apresentado nesta tabela, vemos o momento em que Tituba afirma ter pensado durante sete noites e sete dias na proposta de John Indien de ir morar com ele. Ao traduzir “et encore sept nuits et sept jours” como “e nas outras sete noites e sete dias”, ao invés de simplesmente “e outras sete noites e sete dias” ou “e ainda sete noites e sete dias”, a tradutora clarifica o texto original a partir de uma informação anterior. Neste caso, não trata-se de uma paráfrase ou uma explicação propriamente dita, mas podemos afirmar que há uma clarificação

no momento em que a tradutora retoma o prazo pedido por Tituba para refletir sobre a proposta a partir do artigo definido “a” (na forma de “nas”), demonstrando que se tratava de sete noites e sete dias quaisquer, mas “as outras” noites e dias do prazo solicitado.

No segundo exemplo, também temos uma tradução parafrástica. Aqui, Angela opta por reestruturar a frase de forma a deixar claro que “inclinarse convulsivamente a cabeça” significaria “fazer que sim”, ou seja, consentir algo.

Tabela 9: Clarificação por explicação

Original	Tradução livre	Tradução de Angela Melim
Malgré les interdictions de Darnell, le soir, les hommes enfourchaient la haute monture des tam-tams et les femmes relevaient leurs haillons sur leurs jambes luisantes. Elles dansaient!” (p. 18).	Apesar das proibições de Darnell, à noite, os homens cavalgavam a alta montaria dos tam-tams e as mulheres levantavam seus farrapos sobre suas pernas luzidias. Elas dançavam!	Apesar das proibições de Darnell, à noite, os homens cavalgavam a alta montaria que eram os tam-tams, e as mulheres levantavam os farrapos sobre as pernas luzidias. Dançavam!” (p. 16).

No trecho apresentado na tabela 9, temos um exemplo de clarificação através de tradução explicativa. Neste caso, a tradutora opta pela construção “os homens cavalgavam a alta montaria que eram os tam-tams”, explicando no meio da frase o que seria a “alta montaria”, em detrimento de uma tradução mais literal como “os homens cavalgavam a alta montaria dos tam-tams”. Através dessa escolha tradutória, Angela Melim torna o texto traduzido mais claro, sem prejudicar, no entanto, a polissemia do original.

Na tabela a seguir veremos casos da clarificação considerada negativa por Berman. Nestes casos, consideramos que a explicitação realizada pela tradutora constituiu uma “manifestação de algo que não é aparente, mas ocultado ou reprimido no original” (BERMAN, 2013, p. 71).

Tabela 10: Clarificação e destruição da polissemia do texto

Original	Tradução livre	Tradução de Angela Melim
Nous nous engageâmes dans un sentier qui serpentait entre les herbes de Guiné quand soudain nous entendîmes un bruit de voix irritées (p. 19).	Nós nos conduzimos por uma trilha que serpenteava entre o capim-guiné, quando, de repente, ouvimos um barulho de vozes irritadas.	Tomamos um atalho que serpenteava entre o capim-guiné e, de repente, ouvimos um ruído de vozes irritadas (p. 16).
Darnell était debout à moins d'un mètre d'elle. Il avait tombé la chemise, défait son pantalon, découvrant la blancheur de ses sous-vêtements et sa main gauche fouillait à hauteur de son sexe (p. 20).	Darnell estava de pé a menos de um metro dela. Ele tinha derrubado a camisa, aberto suas calças, descobrindo a brancura de suas roupas de baixo, e sua mão esquerda procurava algo à altura do seu sexo.	Darnell, a menos de um metro dela. Tinha jogado a camisa pelo chão, aberto as calças, descobrindo a brancura da roupa de baixo, e com a mão esquerda apalpava o sexo (p. 17).

No primeiro exemplo, temos o momento em que Abena e Tituba entram em um caminho estreito que as levaria a um lote de terra onde os escravos haviam plantado inhame. Neste trecho, temos o verbo *engager*¹⁹ e a palavra *sentier* que remetem a um caminho estreito. Tendo isto em mente, Angela Melim optou por utilizar a palavra *atalho* em sua tradução.

Considerando que um atalho é o caminho mais curto para se chegar a determinado lugar e a informação trazida no texto é a de que Abena e Tituba tomaram um caminho estreito, não curto, podemos dizer que houve uma clarificação nesse trecho da tradução. Ao traduzir *sentier* como “atalho”, ao invés de “trilha” ou mesmo “caminho”, Melim reduz a polissemia do texto à monossemia e muda a ideia de uma passagem estreita, no original, para um trajeto curto.

¹⁹ *Engager*, de acordo com o dicionário *Le Petit Robert* (1993, p. 857), significa: “fazer entrar (em um lugar um lugar apertado ou difícil)”. Encontramos definição parecida no dicionário *Larousse* online: “se abrigar em um lugar estreito” (disponível em https://www.larousse.fr/dictionnaires/francais/s_engager/29513. Acesso em 11 de outubro de 2018).

No segundo trecho temos o momento em que Abena sofre uma tentativa de estupro por Darnell Davis, o homem que a havia comprado e depois a expulsado da fazenda ao perceber sua gravidez. Condé descreve as ações do personagem utilizando o verbo *fouiller*²⁰, que significa “explorar minuciosamente um lugar para encontrar algo ou alguém”, no entanto, a tradutora opta por utilizar o verbo *apalpar*. Desta forma, podemos afirmar que a tradutora trouxe à luz algo que havia sido ocultado no original.

5.4 EMPOBRECIMENTO QUANTITATIVO

O empobrecimento quantitativo diz respeito a um desperdício lexical que acontece quando a abundância característica da prosa romanesca ou epistolar é perdida durante a tradução, geralmente, por haver menos significantes na tradução que no original. Esse tipo de empobrecimento pode ocorrer por uma particularidade das línguas de partida e de chegada, ou por uma escolha do tradutor.

Além disso, segundo Berman, o empobrecimento qualitativo pode coexistir com o alongamento, “pois este consiste em acrescentar uns ‘o’, ‘a’, ‘os’, ‘as’, uns ‘quem’, e uns ‘que’, ou ainda significantes explicativos e ornamentais que não têm nada a ver com o tecido lexical de origem” (2013, p. 76-77). uma vez que este serve para mascará-lo, ao aumentar a massa bruta do texto (p. 76).

Durante nossa leitura analítica, encontramos apenas um exemplo que ilustra essa deformação conceituada por Berman. Observemos a seguir.

²⁰ Definição extraída do dicionário online Larousse (disponível em <https://www.larousse.fr/dictionnaires/francais/fouiller/34773>. Acesso em 11 de outubro de 2018). O dicionário *Le Petit Robert* (op. cit., p. 1073) apresenta a seguinte definição para *fouiller*: “explorar cuidadosamente em todos os sentidos”, além disso o verbo “procurar” é apontado como seu sinônimo.

Tabela 11: Empobrecimento quantitativo²¹

Original	Tradução de Angela Melim
Quand Darnell Davis s'aperçut que ma mère était enceinte , il entre en fureur (...) (p. 14)	Quando Darnell Davis se deu conta de que minha mãe estava grávida , ficou furioso (...) (p. 12).
Et Abena était grosse ! (p. 15).	E Abena estava grávida ! (P. 12).

Neste exemplo, podemos verificar que as palavras “enceinte” e “grosse” do original foram traduzidas para “grávida” no português. Em outros contextos, a palavra “grosse” poderia significar “gorda”, aqui, ela não pode senão significar “grávida”. No entanto, devemos considerar que houve um desperdício lexical, uma vez que o tradutor poderia ter empregado a palavra “gestante” em uma das colocações. Apesar de ser menos comumente usada, a opção por esta palavra conservaria a abundância lexical do texto.

Além disso, a construção “Abena était grosse!” exprime melhor a raiva e o desprezo do personagem Samuel Parris ao saber que Abena estava grávida e que, por esta razão, ela perdera toda a sua utilidade enquanto escrava. Neste contexto, a palavra “grosse”, que possui sentido pejorativo, traduzida por “grávida” é suavizada, perdendo toda a sua força.

Curiosamente, em nossa leitura pudemos perceber o inverso do empobrecimento quantitativo, ou seja, casos em que um significante da língua de partida é traduzido por um número maior de significantes na língua de chegada. No trecho analisado da tradução de Angela Melim para o romance de Maryse Condé, observamos uma maior ocorrência de “enriquecimento quantitativo” que de empobrecimento. Vejamos estas ocorrências nas tabelas a seguir.

²¹ Os grifos presentes nas tabelas 11, 12, 13 e 14 foram feitos para destacar as palavras que estão sendo analisadas nos casos de empobrecimento/enriquecimento quantitativo e não aparecem no texto original de Maryse Condé ou na tradução de Angela Melim.

Tabela 12: “Enriquecimento” quantitativo na tradução de *case*

Original	Tradução de Angela Melim
Ma mère entra dans la case de Yao peu avant l’heure du repas du soir (p. 15).	Minha mãe entrou na choupana de Yao pouco antes da hora da refeição da noite (p. 12).
Yao prit le ballot qu’elle tenait à la main et alla le déposer dans un coin de la case (p. 16).	Yao pegou o embrulho que ela trazia na mão e foi colocá-lo num canto da choça (p. 14).
Man Yaya m’apprit à écouter le vent quando il se leve et mesure ses forces au-dessus des cases qu’il se prépare à broyer (p. 22).	Man Yaya me ensinou a escutar o vento, quando ele se levanta e mede forças por cima das cabanas que se prepara para esmagar (p. 18).

Nestes trechos, vemos a palavra *case* e seu plural *cases* ser traduzida de três formas diferentes: *choupana*, *choça* e *cabana(s)*. Nas três palavras utilizadas na tradução, podemos perceber que não houve deturpação do sentido do original, ao contrário, a tradutora conseguiu manter o sentido de “moradia humilde” presente na palavra francesa.

Tabela 13: “Enriquecimento” quantitativo na tradução de *mornes*

Original	Tradução de Angela Melim
À peine ça et là quelques mornes (p. 19).	Mal tem uns morros aqui e ali (p. 16).
Les montagnes et les mornes (p. 22).	As montanhas e os montes (p. 18).

Nestes trechos do original, a narradora-personagem, Tituba, descreve a paisagem montanhosa do seu país natal. Para construir a descrição dessa paisagem, Condé lança mão de

mornes, que é traduzido por Angela Melim, num primeiro momento, como *morros* e, em seguida, como *montes*. Novamente, as palavras selecionadas pela tradutora funcionam como sinônimos.

Tabela 14: “Enriquecimento” quantitativo na tradução de *carreau de terre*

Original	Tradução de Angela Melim
Pendant ce temps, ma mère faisait pousser dans son carreau de terre des tomates, des gombos ou d’autres légumes, cuisinait, nourrissait une volaille étique (p. 17).	Enquanto isso, minha mãe cultivava no seu canteiro de terra tomates, quiabos ou outros legumes, cozinhava, dava de comer às aves de criação. (p. 14).
Un jour, elle me prit par la main pour aller fouiller des trous d’igname dans un carreau de terre que le maître avait concédé aux esclaves (p. 19).	Um dia, tomou-me pela mão, para ir escavar buracos de inhame num lote de terra , que o senhor tinha concedido aos escravos (p. 16).

Do mesmo modo, nos exemplos trazidos na tabela 14, percebemos que a expressão “*carreau de terre*” é traduzida tanto como “*canteiro de terra*”, quanto como “*lote de terra*”. No primeiro exemplo, a expressão designa o local onde Abena plantava seus legumes, no segundo, o lugar que os senhores haviam cedido para que os escravos pudessem plantar para própria subsistência. Observando os contextos onde a expressão foi utilizada, consideramos viável a opção da tradutora por utilizar duas expressões diferentes em sua tradução, visto que estas expressões da língua portuguesa remetem a porções de terra de tamanhos diferentes, o que corresponde com o original.

5.5 EMPOBRECIMENTO QUALITATIVO

Quanto ao empobrecimento qualitativo, Berman afirma que este ocorre quando há a substituição de termos, expressões, modos de dizer do original por outros que não possuem a mesma riqueza sonora e/ou icônica na tradução. Segundo este autor, considera-se icônico o termo que “cria uma imagem” em relação ao seu referente, ou seja, “produz uma consciência de semelhança” (BERMAN, 2013, p. 75).

Dois casos mais explícitos nos chamaram atenção durante a nossa leitura analítica do corpus, vejamos a seguir.

Tabela 15: Empobrecimento qualitativo: perda da riqueza icônica

Original	Tradução livre	Tradução de Angela Melim
À un carrefour, je rencontraï des esclaves menant un cabrouet des cannes au moulin (p. 25).	Numa encruzilhada, encontrei escravos conduzindo uma carroça de canas ao moinho.	Numa encruzilhada, encontrei escravos carregando um feixe de cana para o engenho (p. 21).
Malgré les interdictions de Darnell, le soir, les hommes enfourchaient la haute monture des tam-tams et les femmes relevaient leurs haillons sur leurs jambes luisantes. Elles dansaient!” (p. 18).	Apesar das proibições de Darnell, à noite, os homens cavalgavam a alta montaria dos tam-tams e as mulheres levantavam seus farrapos sobre suas pernas luzidias. Elas dançavam!	Apesar das proibições de Darnell, à noite, os homens cavalgavam a alta montaria que eram os tam-tams, e as mulheres levantavam os farrapos sobre as pernas luzidias. Dançavam!” (p. 16).

No caso do primeiro exemplo apresentado na tabela, consideramos que houve um empobrecimento qualitativo por que a imagem dos escravos puxando uma carroça de cana para o moinho perdeu-se durante a tradução. Em seu lugar, nasce uma nova imagem: desta vez, os escravos carregam feixes de cana sem a presença de uma carroça para ajudar na realização dessa atividade. Assim, dá-se a entender que os homens carregam os feixes de cana nas costas.

No segundo trecho analisado, temos a descrição das festas noturnas organizadas pelos escravos: à noite, os homens tocavam tam-tam²², enquanto as mulheres dançavam, levantando seus trajes e revelando suas pernas reluzentes. No entanto, a construção “elles dansaient!” do original, que significaria “elas dançavam!”, é traduzida simplesmente como “dançavam!”. Desta forma, o leitor tende a formar uma imagem mental errônea, onde todos os escravos estariam dançando, quando, no original, são apenas as mulheres o fazem.

Tabela 16: Empobrecimento qualitativo: perda da riqueza sonora

Original	Tradução livre	Tradução de Angela Melim
Tu as vu la tête que tu as? (p. 27).	Você viu a cara que você tem?	Viu a sua cara? (p. 23).
Comment pourrais-je ne pas la connaître? (p. 16).	Como eu poderia não a conhecer?	Como não vou conhecer! (p. 14).

Observando os exemplos da tabela 16, podemos perceber o quão divergentes podem ser as estruturas sintáticas da língua francesa e da língua portuguesa, principalmente, tratando-se de frases interrogativas. Além disso, é necessário atentar para o fato de que a língua de partida e a língua de chegada da tradução em análise possuem sonoridade e entonação bastante diferentes. Assim, consideramos que os exemplos apresentados na tabela ilustram bem o que se caracteriza como uma perda de riqueza sonora no processo de tradução de um texto em prosa.

²² Tipo de instrumento musical de percussão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa se propôs a analisar a tradução em língua portuguesa do romance *Moi, Tituba sorcière... Noire de Salem* (1986), de Maryse Condé – traduzido por Angela Melim e publicado em 1997 sob o título de *Eu, Tituba, feiticeira... negra de Salem* – a partir das reflexões da analítica da tradução de Antoine Berman (2013).

Assim, movidos pela nossa indagação inicial: como as tendências deformadoras elencadas por Antoine Berman se manifestam na tradução de Angela Melim, buscamos identificar as tendências deformadoras de maior recorrência na tradução em estudo e analisar os casos de deformações encontrados à luz da Analítica da Tradução de Antoine Berman, de forma a cumprir a nossa proposta e alcançar o objetivo geral elencado.

Em nossa leitura, pudemos perceber que o romance de Condé e a tradução de Melim constituem um rico material para análise das deformações apresentadas por Berman, assim, devido à extensão da obra, decidimos delimitar para o nosso trabalho na análise dos dois primeiros capítulos do livro. Além disso, das treze deformações elencadas por Berman (2013), as cinco que julgamos mais produtivas em nossa leitura foram escolhidas fazer parte da nossa análise, são elas: racionalização, destruição dos ritmos, clarificação, empobrecimento quantitativo e empobrecimento qualitativo.

Durante a análise propriamente dita, pudemos confirmar a ocorrência dessas deformações na tradução de Melim e muitos exemplos foram suscitados para demonstrar a ocorrência desses fenômenos no texto traduzido em análise. Desta forma, foi possível concluir que as tendências deformadoras agiram nessa tradução principalmente na estrutura do texto, modificando-o com o intuito de racionalizá-lo; mas, também houve casos em que as clarificações intentaram modificar o sentido do texto, levando-o da polissemia à monossemia.

Além dessas cinco tendências deformadoras analisadas, pudemos observar a ação de um fenômeno não conceituado por Berman, que decidimos chamar de “enriquecimento quantitativo”, uma vez que se trata do exato oposto do “empobrecimento quantitativo” sobre o qual Berman discorre em seu trabalho. Então, baseando-nos na afirmação de Berman de que poderiam existir outras tendências deformadoras além das treze por ele listadas, acreditamos que mais esse fenômeno poderia ser incorporado à nossa análise, enriquecendo-a.

O trabalho que aqui concluímos foi motivado, inicialmente, pela necessidade de se fornecer embasamento analítico-científico que fundamentasse ou invalidasse críticas feitas ao trabalho tradutório realizado na tradução em estudo e pela importância da valorização dos romances francófonos produzidos fora do hexágono.

No entanto, durante o desenvolvimento do nosso trabalho, percebemos uma escassez nos estudos sobre as traduções dos romances de Maryse Condé, principalmente no caso do romance *Moi, Tituba sorcière... Noire de Salem*, que constitui corpus para grande maioria desses trabalhos sobre essa autora. Acreditamos que a escassez dos trabalhos acerca desta tradução, bem como a opção de alguns pesquisadores por utilizar a versão em inglês, deve-se à indisponibilidade da tradução em português no mercado, o que motiva o leitor que desconhece a língua francesa a buscar novas formas de ler o livro.

Assim, diante destes novos fatos, reafirmamos a importância do trabalho aqui realizado e esperamos que esta pesquisa sirva de incentivo a estudos futuros e novas traduções do livro ou reedições da tradução já existente.

REFERÊNCIAS

- BATALHA, Maria Cristina; PONTES JR., Geraldo. **Tradução**. Rio de Janeiro: Vozes, 2007
- BERMAN, Antoine. **A tradução e a Letra ou o Albergue do Longínquo**. Florianópolis: PGE/UFSC. Copiart, 2013. Trad. Marie-Hélène C. Torres; Mauri Furlan; Andreia Guerini.
- _____. **Pour une critique des traductions: John Donne**. Paris: Gallimard, 1995.
- CAMPOS, Geir. **O que é tradução**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 2004.
- CONDÉ, Maryse. **Moi, Tituba sorcière... Noire de Salem**. Paris: Gallimard, 1986.
- _____. **Eu, Tituba, feiticeira... negra de Salem**. Rio de Janeiro: Rocco, 1997. Trad. Angela Melim.
- GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6ª ed. São Paulo: Atlas, 2008
- GUIDÈRE, Mathieu. **Introduction à la traductologie: penser la traduction: hier, aujourd'hui, demain**. 2. ed. Bruxelas: Groupe De Boeck, 2010.
- ROBERT, Paul. **LE PETIT ROBERT: Dictionnaire de la langue française**. Paris: Dictionnaires Le Robert, 1993.
- OLIVEIRA, Maria Marly de. **Como fazer pesquisa qualitativa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2008.
- OUSTINOFF, Michaël. **História, teorias e métodos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2011. Trad. Marcos Marcionilo.
- PAES, José Paulo. **Tradução: a ponte necessária: aspectos e problemas da arte de traduzir**. São Paulo: Ática, 1990.

PAZ, Octavio. **Tradução: literatura e literalidade**. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2009. Trad. Doralice Alves de Queiroz.

PRODANOV, Cléber Cristiano; FREITAS, Ernani César de. **Metodologia do trabalho científico**: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

SÁ-SILVA, Jackson Ronie; et al. **Pesquisa documental**: pistas teóricas e metodológicas. Revista Brasileira de História & Ciências Sociais. Ano I – Número I – Julho de 2009.

TOZONI-REIS, Marília Freitas de Campos. **A Pesquisa e a Produção de Conhecimentos**. São Paulo: UNESP, 2010. Disponível em: <<https://acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/195/3/01d10a03.pdf>>. Acesso em: 22 out. 2018.

APÊNDICE 1:

Levantamento das pesquisas em língua portuguesa desenvolvidas acerca de Maryse Condé e de suas obras.²³

Título do trabalho	Autor (a) ou autores (as)	Tipo de pesquisa	Local e ano de publicação/ defesa	Link para acesso ao documento ²⁴
Quando os mortos começam a falar: por um feminismo negro descolonial na literatura afro-caribenha	Ana Carolina Andrade Pessanha Cavagnoli	Tese	Florianópolis: UFSC (2016)	https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/174691/345347.pdf?sequence=1&isAllowed=y
Maryse Condé, relatos (auto) biográficos	Aída Maria Jorge Ribeiro	Tese	Niterói: UFF (2017)	https://app.uff.br/ruiuff/bitstream/1/3789/1/Tese%20Janeiro%202017%20pronta.pdf
“De la Barbarde à l’Amérique et retour”: memória, resistência e construções identitárias em diáspora no romance <i>Moi, Tituba sorcière...</i> , de Maryse Condé	Lana Kaíne Leal	Dissertação	Teresina: UFPI (2016)	http://repositorio.ufpi.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/546/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20Parcial_Lana%20Ka%C3%ADne%20Leal.pdf?sequence=1
Releituras em torno de Tituba	Lilian Cristina Corrêa	Tese	São Paulo: Mackenzie (2009)	http://tede.mackenzie.com.br/jspui/handle/tede/2366#preview-link0
A resistência ao olho do poder: rastro, gênero e colonialidade no romance <i>Eu, Tituba, feiticeira... negra de Salem</i> , de Maryse Condé	Jônata Alisson Ribeiro de Oliveira	Dissertação	Teresina: UFPI (2016)	http://repositorio.ufpi.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/1164/J%C3%94NATA%20ALISSON%20RIBEIRO%20DE%20OLIVEIRA_DISSERTA%C3%8

²³ Pesquisa realizada através da ferramenta de busca <https://scholar.google.com.br>, utilizando as palavras-chave: “Tituba” e “Maryse Condé”.

²⁴ Documentos acessados em 11 de novembro de 2018.

				7%C3%83O.pdf?sequence=1
A Ventriloquia de Maryse Condé Atravessando o Manguezal de Híbridos e Ambivalências	Ana Carolina Andrade Pessanha Cavagnoli	Dissertação	Portugal: Universidade de Coimbra (2011)	https://estudogeral.sib.uc.pt/bitstream/10316/18600/1/A%20Ventriloquia%20de%20Maryse%20Cond%C3%A9.pdf
Questões identitárias na obra de Maryse Condé	Marcela Carvalho Meireles	Dissertação	Juiz de fora: UFJF (2007)	https://repositorio.ufjf.br/jspui/bitstream/ufjf/2954/1/marcelacarvalho-meireles.pdf
Reinscrevendo gêneros: o feminino, o diário e a nação	Stelamaria Coser	Artigo Científico (publicado na <i>Revista Brasileira do Caribe</i>)	Goiás: UFG (2008)	http://www.redalyc.org/pdf/1591/159113066008.pdf
Representações da mulher negra nos romances <i>Úrsula e Eu</i> , <i>Tituba</i> , <i>Feiticeira... Negra De Salem</i>	Jéssica Catharine Barbosa de Carvalho; Alcione Corrêa Alves	Artigo Científico (publicado na <i>Revista Verbo de Minas</i>)	Juiz de fora: CESJF (2014)	https://seer.cesjf.br/index.php/verboDeMinas/article/view/464/440
<i>Teseu</i> , o labirinto e seu nome: como Homi K. Bhabha poderia nos ajudar a compreender uma passagem de <i>Moi</i> , <i>Tituba Sorcière...</i> , de Maryse Condé?	Jonata Oliveira; Alcione Alves	Artigo científico (publicado na <i>Revista Caderno de Letras da UFPEL</i>)	Pelotas: UFPEL (2016)	https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/cadernodeletras/article/view/8840/6649
Mulher-feiticeira, o duplo e outros mitos em <i>Eu</i> , <i>Tituba</i> , <i>feiticeira... Negra de Salem</i> , de Maryse Condé	Lilian Cristina Corrêa	Artigo científico (publicado nos <i>Anais do XI Congresso Internacional da ABRALIC Tessituras, Interações, Convergências</i>)	São Paulo: USP (2008)	http://www.abralic.org.br/eventos/cong2008/AnaisOnline/simposios/pdf/013/LILIAN_CORREA.pdf
Maryse Condé e <i>Tituba Indien</i> :	Irene de Paula	Artigo científico (publicado na	São Paulo: UNESP (2016)	https://periodicos.fclar.unesp.br/itin

Feiticeiras do imaginário		revista <i>Itinerários</i>)		erarios/article/view/9706/6393
Entre história e literatura: Condé em diálogo com Miller e Hawthorne	Lilian Cristina Corrêa	Artigo científico (publicado nos <i>Anais do SILEL</i>)	Uberlândia: EDUFU (2011)	http://www.ileel.ufu.br/anaisdosilel/pt/arquivos/silel2011/1452.pdf
Literatura e identidade cultural afrodescendentes nas Antilhas	Fabiana dos Santos Sousa	Artigo científico (publicado na Revista <i>Lettres Françaises</i>)	São Paulo: UNESP (2016)	https://periodicos.fclar.unesp.br/lettres/article/view/9047/5946
Resistência e mobilidade no ser americano em três romances das américas	Yuly Paola Martínez Sánchez	Artigo científico (publicado na Revista <i>Muitas Vozes</i>)	Ponta Grossa: UEPG (2016)	http://177.101.17.124/index.php/muitasvozes/article/viewFile/9728/5625
Bons brancos, negros maus: o processo de humanização na obra <i>Corações Migrantes</i> , de Maryse Condé	Antonio Adailton Silva; Márcio Araújo de Melo	Artigo científico (publicado na <i>Revista de Literatura, História e Memória</i>)	Cascavel: UNIOESTE (2015)	http://e-revista.unioeste.br/index.php/rlhm/article/view/12116/8866
A literatura francófona de autoria feminina: Maryse Condé e Maïssa Bey	Maria Cristina Batalha	Capítulo do livro <i>Literaturas Francófonas I: o Século XX em debate</i> , organizado por Luciana Persice Nogueira.	Rio de Janeiro: UERJ (2017)	http://www.dialogarts.uerj.br/arquivos/Livro_Literaturas_Franc%C3%B3fonas_ff_alt.pdf#page=117
Literatura comparada: diversidades, diferenças e fronteiras de identidades culturais	Roland Walter	Artigo científico (publicado na <i>Revista Brasileira de Literatura Comparada</i>)	UFPE (2005)	http://www.abralic.org.br/revista/index.php/revista/article/download/107/108
<i>Corações que migram da Inglaterra para o Caribe: o póscolonialismo e a releitura em “Corações Migrantes”, de Maryse Condé</i>	Adriana Falqueto Lemos	Artigo científico (publicado na <i>Revista Virtual de Letras</i>)	UFES (2013)	https://s3.amazonaws.com/academica.edu/documents/33344816/199.pdf?AWSAccessKeyId=AKIAIWOWYYGZ2Y53UL3A&Expires=1543762832&Signature=AvI5P2YyvFu

				yA9E3ZxPM2xB yPYU%3D&resp onse-content- disposition=inline %3B%20filename %3DCoracoes_qu e_Migram_da_In glaterra_Para_o.p df
Uma representação literária das zonas de contato do Atlântico negro: <i>I, Tituba: Black Witch Of Salem</i> , de Maryse Condé	Leila Assumpção Harris	Capítulo do livro <i>Trajetórias de literatura e gênero</i> , organizado por Cecil Janine Albert Zinani e Salette Rosa Pezzi Santos.	Caxias do Sul: Edoucs (2016)	http://www.academia.edu/download/44452124/anais-seminario-mulher-literatura2015.pdf#page=36
O Preconceito Étnico e Racial em Corações Migrantes, de Maryse Condé	Rosana Carvalho Dias Valtão	Capítulo do livro <i>Marxismo e Modernismo: em época de literatura pós-autônoma</i> , organizado por Junia Zaidan, Luis Eustáquio Soares e Sérgio da Fonseca Amaral.	Espírito Santo: UFES / Gráfica Aquarius (2015)	https://s3.amazonaws.com/academia.edu/documents/40075456/LIVRO_-_MARXISMO_E_MODERNISMO.pdf?AWSAccessKeyId=AKIAIWOWYYGZ2Y53UL3A&Expires=1543763416&Signature=PTf9mt0eEh5ICBmY2G9Q3W5YJ1g%3D&response-content-disposition=inline%3B%20filename%3DMarxismo_e_Modernismo_em_Epoca_de_Litera.pdf#page=843
Caribe francófono e África: Interseções	Eurídice Figueiredo	Artigo Científico (publicado na <i>Revista Brasileira do Caribe</i>)	Niterói: UFF (2015)	http://www.periodicoeletronicos.ufma.br/index.php/brascaribe/article/view/4026/2114
<i>O morro dos ventos uivantes</i> e <i>Corações migrantes</i> :	Daise Lilian Fonseca Dias	Artigo Científico (publicado na revista <i>Ângulo</i> -	Campina Grande: UFCG (2012)	http://www.publicacoes.fatea.br/index.php/angulo/arti

releituras de arquivos coloniais e pós-coloniais		<i>Literatura Comparada</i>)		cle/view/1013/794
<i>Literatura póscolonial: resposta ao Império e afirmação cultural</i>	Daise Lilian Fonseca Dias	Artigo Científico (publicado nos anais da VI Semana de Letras: linguagens e entrechoques culturais: Caminhos da leitura e da escrita: um olhar plural)	Catolé do Rocha: UEPB (2011)	https://s3.amazonaws.com/academia.edu/documents/30522478/gt01t003.pdf?AWSAccessKeyId=AKIAIWOWYYGZ2Y53UL3A&Expires=1543764454&Signature=gXuBaybDOj88RpnOqB4uq20gqMQ%3D&response-content-disposition=inline%3B%20filename%3DA_LITERATURA_POSCOLONIAL_RESPOSTA_AO_IMP.pdf